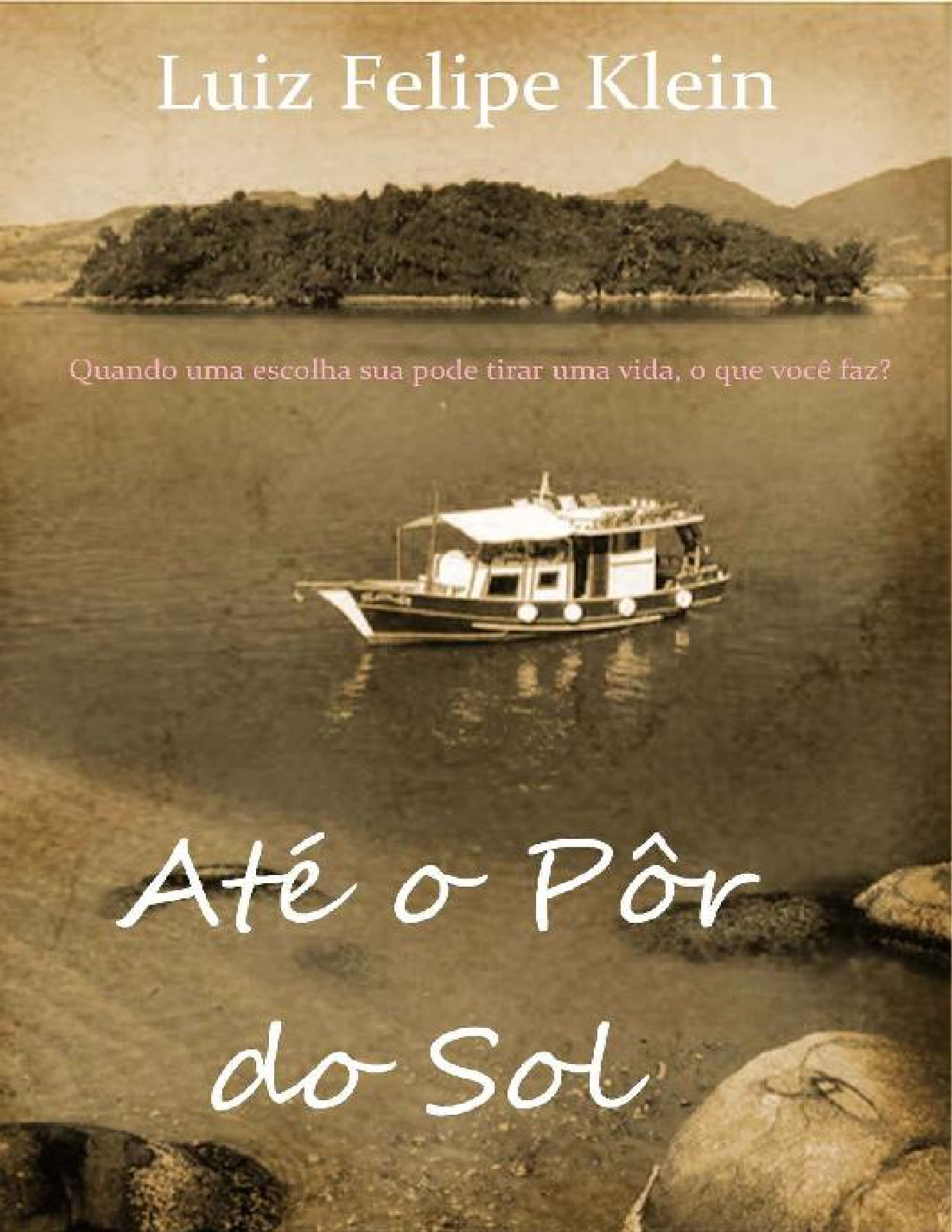




Luiz Felipe Klein

Quando uma escolha sua pode tirar uma vida, o que você faz?

Até o Pôr do Sol



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

Até o Pôr do Sol

Luiz Felipe Klein

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

INTERLÚDIO I

INTERLÚDIO II

INTERLÚDIO III

INTERLÚDIO IV

CAPÍTULO 20

EPÍLOGO

PRÓLOGO

Pulo com o grito de Maria, ela parece estar a metros de distância, mas sinto seu pulso amarrado ao meu. Eu havia cochilado, mesmo vendada e amarrada, eu havia conseguido pegar no sono. Logo entendi o motivo de Maria ter gritado.

Ele havia voltado.

Soube disso, senão pelo barulho de suas botas enlameadas chapinhando pelo chão de madeira seca, então pelo cheiro de podridão, de sujeira e o pior: de sangue, que chegou às minhas narinas.

Nosso sangue.

Meus braços estão todos cortados das cordas que os apertam, mas o que mais dói é o meu rosto, onde ele desenhou com a sua faca de caça.

Minto, o que mais dói é o meu orgulho.

Sinto ele se aproximar, e então sinto as tábuas do assoalho estalarem e entortarem, ele está vindo em nossa direção. Jin se retesa ao meu lado, seu braço musculoso arrepiado contra o meu.

Sinto sua impotência na forma como flexiona o braço inutilmente contra a corda, sua ânsia em se soltar e defender a irmã e a namorada contra esse monstro que nos aterroriza e tortura há dias. Ele poderia, se o monstro não houvesse o amarrado com arames farpados a um pilar.

Grito, apesar de saber que é inútil, gritamos por dias seguidos e nenhum socorro veio em resposta a nossas vozes desesperadas.

Sinto seu bafo em meu rosto, quente. Suas mãos tocam meu queixo, erguem meu rosto. Sua língua encosta em minha bochecha, áspera, pegajosa e quente. Ele lambe meu rosto.

E eu grito novamente, dessa vez com mais força, medo e nojo.

Então repentinamente suas mãos somem de mim e ouço o grito de Maria. Sei, mesmo sem poder ver, que ele faz o mesmo com ela. A toca, lambe seu rosto.

Maria suspira, aliviada, e sei que ele a soltou assim como eu sei que ele passa para o meu irmão, ao sentir a movimentação do ar no meu rosto. Após dias trancados no escuro, vendados e em pânico constante, meus sentidos se desenvolveram radicalmente.

Chego a ouvir os dentes de meu irmão travando, rígidos. Ouço a língua do monstro raspando a barba de Jin. Ouço seu ruído de satisfação.

Mas não entendo o que significa.

Até que meu irmão é subitamente arrancado de meu lado. Eu grito seu nome. Maria

grita mais alto.

E então a voz. Aquela voz rouca, mais um rugido gutural que propriamente uma fala.

— Escolha.

Uma única palavra, que traz um sopro gelado de agonia para o meu coração. Meu irmão parece não entender.

— O q-q-quê? - Gagueja ele, sua voz denuncia o que ele se esforça tanto para esconder. Seu medo.

— Escolha. - Novamente um rosnado, a voz grave por falta de uso.

— Não! - Grito, ou acredito que gritei, mas o que sai na verdade é um sussurro fraco que meu irmão não escuta.

— Uma morre. Outra vive. Você vive.

Minha venda é subitamente arrancada. A de Maria também. Uma fresta de luz entra pela janela coberta por tábuas e panos pretos.

Meu irmão está de joelhos à nossa frente, o monstro segura uma arma rudimentar perto da sua cabeça. O rosto do monstro está coberto, sempre coberto, por um saco de ráfia sujo de sangue e terra. É um homem, pela estrutura do corpo não deve ter mais de 40 anos.

Maria geme e choraminga ao meu lado, "por favor, por favor" e " Deus, nos ajude". Mas nenhum Deus vem em nosso socorro. Percebo as lágrimas no rosto do meu irmão também, sua angústia. Então percebo que eu também choro.

— Escolha. Pôr do sol.

Poucas palavras, o monstro não forma frases completas, ou usa muitos artigos. Isso, somado à ferramenta rudimentar que ele usa, me fazem pensar que esse homem vive isolado da sociedade há muito tempo.

Meu irmão se desespera, chora, implora, nega. Maria faz o mesmo, mas não implora ao monstro, implora a Deus. Eu penso. Penso em como escapar, lutar, fugir.

Mas de nada adianta.

Só há uma escolha.

Ou duas.

Sei qual eu escolheria, mas também sei que meu irmão não consegue ser frio como eu. Maria é sua namorada há um ano, pode ser a mulher da sua vida, ou o namoro pode acabar amanhã. Mas escolher ela vai acabar com ele.

Escolher a si próprio, está fora das regras do monstro.

Me escolher, será como perder uma parte do próprio corpo, ou ao menos é o que penso, não só por sermos gêmeos, mas por sermos muito próximos. Mas me escolher também vai

acabar com nossos pais.

Eu sei o que eu preciso fazer, pelo meu irmão, para que ele consiga viver, mesmo sem uma parte sua.

Eu faço.

"Me escolha" eu sussurro, grito, choro.

Mas meu irmão não me ouve, mal olha para mim ou para Maria.

A fresta de luz some. O pôr do sol.

Então percebo o que é aquela ferramenta rudimentar.

Uma mistura de martelo e machado de pedra, tão afiado e pontudo quanto um de aço.

Mas mais eficiente em rachar crânios.

Comprovo isso quando ele bate no crânio de meu irmão, uma, duas, três vezes.

Cada pancada pontuada por gritos histéricos de Maria e meus.

Penso que ele vai fazer o mesmo com nós duas.

Mas ele é mais misericordioso. Ou mais cruel.

O pescoço de Maria se abre com o toque gelado da faca de caça, jorrando sangue como uma nascente vermelha.

Sei que a faca está gelada, pois a mesma faca encosta na minha nuca. Grito enquanto ele faz força contra minha cabeça, segurando minha testa. Me debato, até que me imobilizo e o quarto parece escurecer mais. Grito de dor e sinto uma vertigem conforme o aço frio trespassa minha pele e músculos.

A escuridão é tudo o que resta.

CAPÍTULO 1

" ... O CORPO DA JOVEM SEQUESTRADA HÁ QUATRO SEMANAS, JUNTO COM MAIS TRÊS AMIGAS, FOI FINALMENTE ENCONTRADO, EM UMA PRAIA DESERTA NA REGIÃO COSTEIRA DE SANTA CATARINA."

A voz monótona da âncora salta da televisão da cozinha quando Antônio passa pela porta, reverberando em sua cabeça semiacordada e amassada pelo travesseiro. São 6:50 no relógio pendurado na parede, ele acordou vinte minutos depois do que pretendia e do que deveria acordar e agora tem que correr.

"PELO ESTADO DE DEGRADAÇÃO DO CORPO, PERITOS AFIRMAM QUE A JOVEM DEVE TER SIDO JOGADA AO MAR NO DIA EM QUE FOI MORTA, HÁ DUAS SEMANAS ATRÁS, SEGUNDO SEUS AMIGOS SOBREVIVENTES. A AUTÓPSIA A SER REALIZADA HOJE CONFIRMARÁ, OU NÃO, ESSAS SUSPEITAS."

A âncora continua falando, atrás dela é possível visualizar uma praia com água escura e revolta, assim como os cabelos da âncora, espantados pelo vento incessável. Há policiais e fitas de isolamento, assim como grandes quantidades de lixo. A praia não deve ser tão deserta quanto a âncora afirmou. Mas pelo tipo de lixo visto, a praia deve ser usada para festas e luaus, regados a muita bebida alcoólica.

— Bom dia! - Antônio cumprimenta seu pai, que está sentado à mesa com a xícara de café a meio caminho para sua boca, parada ali pela sua concentração na notícia. É preciso repetir a saudação para que Antônio seja notado, seu pai apenas responde com um aceno da cabeça.

"HÁ QUATRO SEMANAS, QUATRO ADOLESCENTES DESAPARECERAM E APENAS TRÊS DELAS VOLTARAM COM VIDA. AO DAREM SEU DEPOIMENTO À POLÍCIA, AS JOVENS CONTARAM QUE UM HOMEM, COM O ROSTO ESCONDIDO POR UM SACO, AS MANTEVE PRESAS POR CERCA DE DUAS SEMANAS, VENDADAS E AMARRADAS, POR ESTE MOTIVO AS JOVENS NÃO TÊM CERTEZA DA QUANTIDADE DE DIAS QUE FICARAM NESSA SITUAÇÃO".

— Você não deveria estar lá? - Perguntou Antônio ao pai, servindo-se de duas fatias de pão do saco e três de queijo do pote em cima da mesa. Antes de responder, seu pai conferiu o celular pela terceira vez desde que o filho havia entrado na cozinha.

— Tecnicamente, sim. Encontraram o corpo há cerca de uma hora. Mas ainda não entraram em contato comigo, estou esperando uma mensagem. - Respondeu Carlos.

Antônio achou estranho seu pai não haver sido chamado ainda, visto que o caso do Psicopata da Praia era dele. Seu pai, Carlos é investigador da Polícia desde que Antônio aprendeu que $2 + 2 = 4$, antes disso ele não lembra de nada, mas provavelmente o pai já estava na polícia antes também.

Carlos, em seus 35 anos de vida, já resolveu muitos casos e manteve sua sanidade mental intacta. A única que não manteve a sanidade foi sua esposa, que após 10 anos de dores de cabeça, madrugadas dormindo sozinha (ou revirando na cama) enquanto o marido permanecia acordado revirando papéis, provas e bancos de dados, noites jantando sozinha com o filho pequeno e saídas repentinas do marido para chamados urgentes e longos plantões, resolveu sair da casa de dois andares que os dois compraram com muito sufoco, para morar em uma minúscula quitinete em outra cidade. Deixando marido e filho desamparados para trás, nenhum dos dois sabendo exatamente como cuidar de uma casa.

"EM SEUS DEPOIMENTOS, CUJOS PEQUENOS TRECHOS FORAM LIBERADOS PELO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA, AS JOVENS CONTAM QUE AO FINAL DAS DUAS SEMANAS, O HOMEM ENCAPUZADO SELECIONOU UMA DAS QUATRO E A DEU UMA ESCOLHA."

Um bipe agudo parte do celular do pai de Antônio, pousado ao lado do açucareiro no exato momento em que Antônio pegava açúcar para adoçar seu café, dando-o um susto e fazendo os pequenos cristais brancos voarem por toda a mesa, pernas do pai e chão. Ocupado com o celular, Carlos nem notou suas calças carregadas de açúcar, levantou-se da mesa e correu para o vestibulo, criando uma trilha doce por onde passava.

"A GAROTA SELECIONADA, CUJO NOME NÃO FOI REVELADO PELO DELEGADO, DEVERIA DIZER QUAL DAS AMIGAS DEVERIA SER MORTA. SE ESSA ESCOLHA FOSSE FEITA, AS OUTRAS SOBREVIVERIAM. SE A ESCOLHA NÃO FOSSE FEITA, TODAS MORRERIAM..."

— Pai! Suas calças! - Gritou Antônio correndo até a porta da frente, desviando da trilha branca que logo atrairia formigas. Seu pai olhou para baixo e confuso, bateu a calça, limpando-a dos grãozinhos brancos.

— Obrigado! - Gritou Carlos, entrando no carro. As vezes Antônio se perguntava como o pai havia conseguido o cargo de investigador policial, desligado e desastrado do jeito que era. Mas Antônio sabia que nem sempre o pai foi assim, um pouco talvez, mas tudo piorou depois que sua mãe o deixou na mão com um filho para criar e uma casa para cuidar. - Lembre de esperar a Marta chegar, ela esqueceu a chave dela.

— Okay! Cuide-se. - Gritou Antônio, enquanto seu pai dava um ré exagerado, quase batendo a bunda do carro no poste da rua. Acelerando, o pai saiu cantando pneu e novamente o filho se perguntou como ele mantinha o emprego e como ainda não havia se acidentado no trânsito. Se morassem em uma cidade maior, certamente isso já teria acontecido.

Antônio voltou correndo para a cozinha. A âncora ainda falava na televisão.

"COMO TODOS DEVEM LEMBRAR, NOS ÚLTIMOS MESES TIVEMOS MAIS DOIS CASOS DE DESAPARECIMENTOS DE GRUPOS DE AMIGOS OU FAMILIARES. TODOS ESSES INCIDENTES ESTÃO SENDO CONSIDERADOS PELA POLÍCIA COMO OBRA DO MESMO ASSASSINO."

Antônio certamente lembrava dos outros casos, seu pai estava há meses em cima deles, pensando, calculando e ligando os fatos. Inclusive foi seu pai que afirmou que os assassinatos eram obra da mesma pessoa, ou monstro. Antônio lembrou das fotos, coladas no mural do escritório do pai no andar acima. Fotos das vítimas, antes e depois.

Algumas fotos do depois eram realmente aterrorizantes e nauseantes e faziam Antônio perder mais um pedaço de sua quase inexistente fé de que o mundo era um lugar bom. Também o faziam se perguntar como um ser humano tinha a coragem necessária para tais atos.

O primeiro desaparecimento foi de uma família, os dois pais, um casal homossexual e seus dois filhos, um de três e outro de dez anos, brutalmente assassinados. No princípio o crime foi tido como de ódio e preconceito.

Mas então o segundo desaparecimento e corpos encontrados posteriormente fez seu pai ligar os fatos e perceber que os dois crimes estavam interligados e não tinham nada a ver com homofobia. Nada a ver com nada aparentemente. O segundo caso, foi o assassinato de dois irmãos gêmeos, um casal, e a namorada de um dos gêmeos. A forma das mortes e altura do assassino batiam com o do casal gay e seus filhos.

"O ASSASSINO VEM SENDO CHAMADO POR DIVERSOS NOMES, COMO 'O ASSASSINO DA PRAIA' OU 'O PSICOPATA DO MAR' OU ATÉ, POR ALGUNS MORADORES LOCAIS, DE 'O MONSTRO DO SACO'."

Antônio sentiu um calafrio com o último nome, pois lembrou que sua mãe o assustava com o homem do saco quando ele era pequeno e fugia de casa ou fazia arte. A âncora continuou falando sobre como isso tudo era prejudicial para o turismo nessa época do ano, pois afastava os turistas da praia e todo aquele blá blá blá insensível, o que fez Antônio desligar a televisão com certa brusquidão e raiva.

As pessoas eram brutalmente assassinadas e o que preocupava o povo era o turismo? E as famílias das vítimas?

Terminando seu sanduíche e jogando o resto de café na pia, o seu e o do pai, Antônio correu escada acima e pegou sua mochila. Seu humor estava péssimo essa manhã, mas melhorou muito quando lembrou que tinha um encontro para jantar com os melhores amigos à noite.

Escovando os dentes rapidamente, desceu pelo corrimão da escada e quase chocou-se com Marta aos pés da escada. Ela olhava indignada para a trilha de açúcar e ficou ainda mais indignada ao quase ser levada por um corpo de 1,82m de altura deslizando na direção dela.

— Antônio Carlos! - Gritou, pulando para o lado enquanto Antônio caía de pé e dava um beijo no rosto vermelho dela. - Você já tem vinte anos, até quando vai brincar desse jeito no corrimão da escada?

— Bom dia! - Falou Antônio, divertindo-se com a indignação de Marta. - Enquanto o corrimão aguentar meu peso, eu continuarei fazendo isso.

Marta gargalhou e Antônio a acompanhou. Seus cabelos curtos, um pouco acima do ombro balançaram em ondas castanhas com a sua risada.

Antônio adorava Marta, a vizinha do outro lado da rua que foi muito importante tanto para ele quanto para o pai após a fuga repentina de sua mãe. Ela foi importante tanto para a cura da casa e da criação de Antônio, quanto para o coração do seu pai.

Antônio apenas não entendia porque os dois simplesmente não assumiam tudo e passavam a morar na mesma casa. Marta dormia em sua casa todas as noites, exceto aos sábados, quando dormia com Carlos, e todas as manhãs ela ia à casa dos dois cozinhar para seu pai e arrumar a casa.

Ela fazia isso por querer, Carlos nunca havia pedido e Marta não aceitava nada em troca.

— Desculpa não poder ficar mais Marta, já estou atrasado. E desculpa pela bagunça, mas saiba que sou culpado apenas em parte. - Antônio falou, enquanto enfiava pés nas meias e nos tênis.

— Até imagino o que aconteceu. Vi o noticiário, sei como seu pai fica quando está em um caso difícil. Totalmente fora do ar e desconectado de tudo que não diga respeito ao caso.

— Descreveu perfeitamente. Tenho que correr ou perco o ônibus. Tchau Marta, até mais tarde!

Sem esperar resposta, Antônio correu para a rua e avistou o ônibus virando a esquina. Correu para a parada.

CAPÍTULO 2

Dezembro de 1972

Beatriz pulou de sua égua, Lua, e correu para a beira do rio, tirou a calça flare que estava usando e a bata larga amarela, deixou em um montinho perto da beira do rio e pulou na água gelada só de roupas íntimas.

Ela só queria nadar um pouquinho, mas teria que ser rápida, antes que sua mãe, ou pior, seu pai, percebessem que ela havia sumido do chá que era oferecido às mulheres da cidade todo primeiro sábado do mês. Sua mãe ficava histérica nos dias antes do chá, organizando tudo para a chegada das mulheres.

Era uma tradição de família, sua bisavó e sua avó, antes da mãe dela, faziam a mesma coisa. Todo primeiro sábado de todo mês.

Era esperado que Beatriz ficasse no chá e se comportasse como uma perfeita dama, usando um vestidinho rosa bebê com lacinhos e servindo as mulheres que papagaiavam sobre a vida de todos da cidade.

Mas Beatriz simplesmente não suportava isso. Ela preferia correr pelos campos no lombo de Lua, nadar no rio ou pescar. Coisas que seus pais não aprovavam, pois falavam que era coisa de moleque e ela era uma dama da alta sociedade.

Beatriz não ligava a mínima para tais coisas. Mais cedo naquele mesmo dia, havia escondido a calça e a bata no celeiro e deixado Lua encilhada, para facilitar a sua escapulida. O vestido rosa bebê com lacinhos escandalosos jazia estendido sobre um fardo de feno, deixado lá com todo o cuidado.

Não poderia ter nenhum amassado em seu vestido, ou a mãe notaria.

Cuidou para não molhar o cabelo, as roupas íntimas molhadas e suja seriam mais fáceis de esconder que um cabelo molhado com sujeiras do rio entremeadas nos fios.

Depois de ficar alguns minutos dentro da água gelada do rio, aliviando-se do calor opressor que fazia na sala de estar da sua casa, ouviu o relincho de Lua.

— Já estou saindo menina, temos que correr. Ou vão nos pegar.

Colocando a calça e a bata no corpo molhado, pulou sobre a égua incitando-a a correr. O vento batia em seu corpo molhado, esfriando-o mais e fazendo os cabelos voarem para todos os lados.

Beatriz amava essa sensação de liberdade que ela só sentia sobre o lombo de Lua. Ali, correndo pelos prados, ela esquecia que tinha que chegar e aguentar mais algumas horas na presença de mulheres desagradáveis que só vinham até sua casa pra comer e fofocar, esquecia

a desaprovação de seus pais, as broncas que levava todo dia e principalmente, esquecia de quem estava chegando.

Mas logo a sensação maravilhosa de liberdade foi tomada de seu peito quando viu seu pai esperando perto do portão de entrada da fazenda. Pensou em fazer a volta e fugir.

Um tempo atrás ela quase havia ido embora com o circo, mas ela não possuía nenhum talento especial para oferecer para eles.

Apeou em frente ao pai, que estendeu a mão para pegar Lua.

— Eu levo ela. Tenho que trocar-me no celeiro. – Falou a garota envergonhada, com a cabeça baixa.

— Vá rápido, seu noivo está a chegar. - Falou o pai rispidamente, a raiva deixando seu rosto vermelho e seus olhos brilhantes.

Quando Beatriz entrou na sala de estar, depois de vestir-se no celeiro e deixar Lua bem alimentada, todos os pares de olhos esbugalhados se viraram para ela.

— Onde você estava, menina? - Perguntou a mãe, vindo até ela e passando a mão em seus cabelos espantados.

— Eu estava cuidando de Lua.

— Você e essa sua égua. - Falou a mãe, bufando.

— Não é certo uma dama se preocupar com animais de fazenda, vocês não deviam deixá-la chegar perto daquele animal! – Falou Dona Mercedes, a dona da mercearia, que estava com o prato cheio de salgados.

— Eu já falei para o pai dela, mas ele não me escuta. – Respondeu a mãe, no que várias mulheres começaram a reclamar de seus maridos.

Beatriz aproveitou a distração e andou até a mesa com o chá e o ponche, olhou para ambos os lados para ver se alguém a olhava e cuspiu disfarçadamente no ponche, mexendo-o bem. Encheu uma xícara e virou-se com um enorme sorriso nos lábios.

— Você aceitaria uma xícara de ponche, Dona Mercedes? - Perguntou docemente, sob o olhar desconfiado da mãe.

— Oh, aceito sim, querida. Obrigada.

— Disponha. - Respondeu Beatriz, fazendo uma pequena reverência e controlando-se para não estourar em risadas.

— Senhoras, eu peço a sua licença. Preciso trocar algumas palavras com minha filha na outra sala. - Falou a mãe.

Pegando a menina pelo braço, a mãe a levou para a sala de jantar.

— Eu não quero saber onde você realmente esteve, embora pelo cheiro repugnante de peixe em você eu possa adivinhar. Vá para seu quarto, agora. Tome um banho, coloque o vestido na sua cama, passe bastante perfume e penteie o seu cabelo.

— Por quê?

— Não me questione, eu sou sua mãe. Como seu pai deve ter falado, seu noivo virá hoje.

— Mas mãe, ele é um velho. Eu só tenho 16 anos.

— Ele é o prefeito da cidade, é rico e está viúvo. É o partido mais disputado da cidade.

— Ele é mais velho que o papai.

— Isso não importa. Ele vem te conhecer hoje e você vai se comportar. Se você fizer algo para desagradá-lo e fazê-lo romper o acordo de noivado que fez com seu pai, quem sofrerá as consequências será aquela sua égua.

Beatriz não queria acreditar que a mãe ameaçava Lua, mas tampouco estava surpresa. A mãe sabia que a menina amava a égua e só era realmente feliz quando estava por aí cavalgando.

Acatou a ordem da mãe e subiu para o quarto, arrumar-se para conhecer o noivo.

CAPÍTULO 3

Stella sentiu o ônibus virar na esquina e viu Antônio correndo até a parada, revirando os olhos pensou em como o amigo sempre conseguia se atrasar, qualquer dia ia acabar perdendo o emprego ou reprovando por falta no cursinho. Passou para o lado no banco e colocou a mochila no colo para que o amigo pudesse se sentar com ela.

— Hey, Soneca. Dormiu demais de novo, aposto. - Foi a recepção que Antônio recebeu ao sentar ao lado de Stella. Ela o chamava de Soneca, o anão da Branca de Neve, desde que se conheciam, o que era uma enorme ironia, visto que Antônio tinha quase dois metros de altura.

— Como você adivinhou? Será pela minha cara de quem dormiu em cima de uma raladeira ou pelo meu cabelo que parece estar brigando consigo mesmo? - Brincou Antônio em resposta.

— Não, apesar de que estes são indicativos bem fortes. É pela camiseta do pijama que ainda está usando.

— Merda! - Respondeu o amigo, olhando para baixo e constatando que realmente estava usando o pijama azul marinho com pequenos raios amarelos e pomos de ouro com que havia dormido.

— Boca suja. Não deve ter escovado os dentes também.

— Claro que escovei. - Respondeu Antônio bafejando no rosto da amiga.

— Eeew, desnecessário isso. Mas olha pelo lado bom, o pijama pelo menos está limpo e é de Harry Potter, apesar de estar um pouco amarrotado.

— Um pouco? - Riu Antônio, tentando desamassar as dobras no tecido do pijama, tarefa impossível sem um bom ferro de passar, visto que até as dobras da roupa possuíam dobras. - Pelo menos não fiquei com o calção do pijama e tenho outro conjunto de roupas para trocar.

— Huum, pijaminha sexy. - Brincou Stella, fazendo cara de pervertida.

— Não é para os seus olhos. - Respondeu Antônio, rindo abertamente.

— Nem quero mesmo. Cruze, prefiro jogar xampu nos olhos.

— Não seja por isso, posso te ajudar.

— Hã, não, obrigada.

— Então, onde vamos hoje de noite?

— Ainda não decidimos, mas te avisamos até de tarde.

— E o que exatamente pretendem me chamando como vela?

— Você não vai ser vela, temos uma proposta para você.

— Medo dessa proposta.

— Você vai gostar.

— Desde que não seja um *ménage à trois*, eu topo quase qualquer coisa.

— Ah, não, isso não. Bobo.

— Menos mal, iria ficar traumatizado pelo resto da vida.

— Ai, minha autoestima foi abalada significativamente. - Respondeu Stella com a mão no coração fingindo uma careta de dor.

— Não estava me referindo a você, chata.

— Lucas é bonito também...

— Muito bonito, mas é meu melhor amigo e é heterossexual, não bi como eu.

— Eu sei, eu sei. Só estou te tirando.

Os dois prosseguiram conversando até chegarem ao prédio do cursinho pré-enem que os dois estavam fazendo. Stella conheceu Antônio por meio de seu namorado, Lucas. Os dois eram melhores amigos de infância e Antônio foi a primeira pessoa que Lucas apresentou a ela, ela gostou dele imediatamente e ele dela.

A amizade deles já durava três anos e o namoro com Lucas, apenas cinco dias há mais. Stella foi a primeira pessoa, depois do pai, para quem Lucas contou sobre sua opção sexual, da forma mais engraçada.

— Stella, preciso te contar uma coisa.

— Conta, baby. - Ela estava jogada no sofá enrolada em uma jaqueta usada de Lucas, que estava fora de casa havia três dias, em uma viagem de negócios. Já havia comido dois potes de sorvete e quase um pacote de pirulitos, estava com dois na boca agora. A saudade era o sentimento que a deixava mais frágil.

— Hã, eu só não sei como contar.

— Fala, ué. Não vou te julgar. Quer um pirulito para te ajudar?

— Isso. Pensa assim, você gosta de pirulitos e Lucas gosta de peras.

Antônio foi interrompido pela gargalhada de Stella.

— Você está tentando me dizer que é gay?

Vendo que Antônio ficou magoado e envergonhado, Stella se ajoelhou na frente dele naquele momento e pegou suas mãos nas delas.

— Ei, desculpa. Mas se for isso, saiba que não muda nada e nem me diz respeito. Só quero ver você feliz, baby.

— É isso. E não é isso. Eu sou bi.

— Aaaah, então você gosta de chupar pirulito e pera. Entendi. Que paladar diversificado.

E novamente Stella se matou rindo, tanto que caiu no tapete da sala. Antônio não conseguiu se segurar e caiu na risada, aliviado, junto com a amiga.

Olhando para Antônio agora, Stella lembrou daquele momento e pensou no quanto a amizade deles se fortaleceu depois daquilo. Também lembrou do quanto Antônio gostava de ir com ela até a casa da mãe dela. Tendo sido abandonado pela mãe tão cedo, Stella achava que ele sentia muita falta de uma presença materna.

Mandou uma mensagem para sua colega de apartamento, Júlia, para ela acordar e voltou a prestar atenção na aula de matemática.

Júlia acordou com o som agudo da nova mensagem recebida, ela havia pedido para Stella a acordar as 10 horas da manhã, e a colega de quarto atendia o pedido religiosamente todos os dias, inclusive aos domingos.

Júlia saltou da cama, pois se não levantasse de uma vez voltaria a dormir. E foi quase o que ela fez, mesmo estando de pé parada no meio do quarto bagunçado.

Não era como se ela não tivesse tempo de arrumar a bagunça, mas as roupas jogadas pelo chão lhe davam uma sensação de conforto. Quando ela não conseguisse mais caminhar sem tropeçar pegaria todas e passaria o dia lavando-as. Poderia fazer isso hoje, se não tivesse acordado com uma inspiração repentina.

Pulando pelos pedaços visíveis do chão de azulejos pretos, ela arrancou um kimono de um cabide e vestiu por cima do pijama de oncinha que havia dormido, afastando um pouco do frio matinal que irradiava das paredes e chão do apartamento.

Deu comida para sua gata Katy, que estava dormindo enrolada na ponta de sua cama, com sua pelagem cinza, quase azul, toda arrepiada. Ao ouvir o som da ração a gata empinou as orelhas e saltou da cama no mesmo segundo, lembrando à Júlia como a colega de quarto reagia ao cheiro de comida.

Pegando um pão francês do saco que Stella havia deixado na mesa, Júlia rumou para seu ateliê nos fundos da casa. Ao contrário do quarto, o ateliê mantinha uma organização impecável, com uma parede toda forrada de telas novas, aguardando para a nova exposição de Júlia. No centro do ateliê, perfeitamente alinhadas, estavam cinco telas em andamento aguardando pela inspiração de Júlia para terminá-las e pela colaboração de sua modelo, já que três das cinco telas eram de sua gata em diferentes posições. Na parede esquerda, alinhadas em prateleiras longas, de acordo com suas cores e tons, estavam dezenas de tintas, trazidas de todos os países que Júlia já havia visitado. Na parede à direita, havia um armário com telas em branco, cavaletes desocupados, pincéis, palhetas, godês, óleo de linhaça, terebintina,

querosene, espátulas e panos de algodão.

Ainda na parede direita, estava um rádio pequeno. E foi para o rádio que Júlia se dirigiu, terminando de comer o pão e cuidando para que não caíssem migalhas pelo chão do ateliê.

Ligou o rádio e imediatamente uma música pulsou para fora dos autôfalantes e Júlia sentiu a coceira familiar que sentia quando ouvia uma música que gostava, a necessidade de pegar uma tela em branco, uma matriz de tintas e começar a pintar.

Algumas pessoas podiam achar que Júlia era louca ou não acreditar quando ela contava sobre, mas as músicas e demais sons adquiriam cores em sua mente. Uma música lenta, mas alegre adquiria um tom verde, mesclado com azuis e amarelos. Já uma música triste, tocava sua mente com tons cinzas, marrons e azuis escuros. A voz de sua melhor amiga adquiria diversos tons de rosa e a do irmão diversos tons de laranja. Os miados de sua gata possuíam diversos tons, que combinavam com seu estado de humor.

Abandonando o restinho do pão ao lado do rádio, Júlia dançou até o armário e pegou um cavalete novo, uma tela nova e todos os demais materiais que iria precisar.

Posicionou a nova tela a frente das outras cinco, alinhada perfeitamente com a que estava no meio, uma tela inacabada de Katy brincando com um novelo de lã. Assim como todos os outros brinquedos que Júlia já havia dado à gatinha, este jazia abandonado pela casa e a tela esperava por uma vontade repentina da felina para retornar ao seu antigo brinquedo.

Saltitando até o rádio, Júlia colocou a música para repetir e então rumou até as prateleiras de tintas com uma paleta na mão direita, ela era canhota e sempre pintava com a mão esquerda. Ouvindo as batidas de Thunder, de sua banda preferida Imagine Dragons, ela escolheu as cores que iriam compor a sua tela.

Posicionada na frente da tela, respirou fundo e pegou um pincel limpo, mergulhando sua ponta na tinta preta, fechou os olhos e começou a traçar formas na tela conforme a música viajava com suas cores por sua mente. Largando o pincel com a tinta preta, pegou outro pincel e continuou pintando leves explosões em magenta.

A música já estava em sua quinta repetição e a tela quase concluída quando seu celular começou a tocar no quarto. Sofrendo por abandonar a tela, Júlia correu até seu quarto antes que Katy estapeasse o celular até ele sair voando da cama.

Olhou o nome na tela e viu que era seu irmão, Lucas, ligando.

— Bom dia maninha!

— Que animação logo cedo. – Resmungou Júlia em resposta.

— Cedo? Já são 11:43 da manhã. Você acordou agora?

— Não, claro que não. Você sabe que a sua namorada me acorda sempre.

— Sei sim, inclusive sei que você pediu a ela. Estava pintando?

— Me arrependo até hoje de ter pedido isso, mas okay.

— E eu agradeço por você ter pedido, embora queria que tivesse pedido para ela te acordar mais cedo. Novamente, estava pintando?

Júlia havia tentado não responder, para ver se seu irmão desistia do assunto. As vezes Júlia sentia que ele não aprovava o que ela fazia. Afinal, depois da morte dos pais ele havia assumido a empresa e Julia havia saído para viajar pelo mundo e gastar a herança generosa que havia ganhado.

— Estava.

— Ótimo, tenho uma ótima notícia para você.

— Qual? - Perguntou Júlia surpresa com a reação do irmão.

— Consegui uma exposição para você.

— Como? - Júlia não conseguia acreditar que o seu irmão, que ela sempre achou que não a apoiava, a estava ajudando.

— Uma exposição para suas telas. Sou ou não sou o melhor irmão?

— Oh sim, você é! Mas não fique muito convencido. - A voz da moça demonstrava toda a sua empolgação e felicidade com a notícia. - Onde é essa exposição? E quando?

— Não é um lugar muito grande, nem muito sofisticado. E também é um lugar um pouco diferente para uma exposição. Mas acho que você vai gostar.

— Conta logo infeliz, para de me torturar.

— Não, não. Vou te deixar no suspense até de noite. Júlia e eu vamos jantar naquele restaurante novo que abriu na frente da praça. Nos encontre lá as 21:00 horas.

— Você sabe que eu não gosto de sair.

— Eu sei, e é por isso mesmo que estou te convidando. Você precisa sair um pouco de casa. Depois de todas as viagens que fez, dizer que não gosta de sair de casa é um pouco irônico não?

— Eu não acho. Eu apenas já saí o suficiente por uma vida.

— Não seja boba, se quiser saber onde será a exposição vá até lá. E se arrume.

— Você sabe que eu te odeio, certo?

— E eu te amo. Tenho que desligar maninha, até de noite. Beijos.

Júlia largou o celular na cama e voltou para sua tela, não se importando com a hora e com a sua barriga roncando. Ela apenas precisava terminar a tela, antes que sua inspiração fosse embora e a tela caísse no esquecimento. De tarde ela tentaria convencer Katy a brincar com o novelo de lã e a ficar em posições diferentes para que ela pudesse terminar as outras telas.

Uma exposição era tudo que ela precisava para entrar nos eixos e voltar a pintar como antes. Antes de seus pais voarem por um penhasco e deixarem os dois filhos para trás, não que eles tivessem culpa. A culpa era de outro motorista, que tendo bebido muito além do permitido, invadiu a pista contrária e os jogou para fora da estrada.

CAPÍTULO 4

Janeiro de 1973

O prefeito havia aceitado o casamento. Depois de ir mais duas vezes à casa de Beatriz para jantar e conversar com o pai, ele havia finalmente dado sua resposta. E o casamento estava marcado para dali a cinco meses.

Ela seria dada como uma moeda de troca, seria obrigada a casar com um homem rico, para melhorar a imagem dos pais.

O pior é que o seu noivo, Marcelo, ele havia insistido que ela o chamasse pelo primeiro nome, fedia. Ele estava sempre com duas rodela de suor embaixo dos braços e exalava o cheiro, infetando qualquer cômodo que entrasse. Quando abria a boca, o cheiro de fumo que saía de sua boca quase a fazia desmaiar. Ele também bebia.

Ela gostaria de saber como ele havia sido eleito o prefeito da cidade. Ou se ele parou de cuidar-se depois da morte da esposa.

Na segunda vez que foi jantar, chegou um pouco antes e encontrou Beatriz no celeiro, escovando os pelos macios de Lua, com a testa encostada em seu pescoço quente.

— O que você está fazendo aqui? - Perguntou, no mesmo tom ríspido que os pais usavam. Marcelo poderia ter sido um homem bonito um dia, mas agora seu rosto já mostrava diversos sinais de idade, a barriga denunciava muitos barris de cerveja esvaziados e os dentes estavam quase pretos devido ao tabaco.

— Estou apenas cuidando da minha égua. Não posso? Será que isso vai denegrir a sua importante imagem de prefeito desse buraco que chamam de cidade? - Beatriz não escondia a raiva que sentia daquele homem e também não tinha medo dele.

— Sabe, adoro esse seu jeito rebelde. Me dá vontade de domá-la. - Beatriz ficou petrificada com a resposta dele. Sem conseguir se mexer, ficou olhando enquanto ele saía do celeiro, falando uma coisa que fez mais um pedaço da ruína, que já havia se tornado o chão que ela pisava, desmoronar. - Aproveite enquanto pode, se ousar levar essa água consigo para a minha casa, mando sacrificá-la.

Naquele momento ela soube, ela não casaria com aquele crápula. Na primeira oportunidade, ela fugiria.

Ele reclamou dos modos dela.

À mesa, para comer, para falar, para andar.

Agora ela teria aulas. Aulas de etiqueta à mesa, de como receber visitas, como se portar em público. Aulas de como falar corretamente.

Ela também não frequentaria mais a escola.

Uma professora viria e a ensinaria tudo que precisasse saber para se tornar a perfeita primeira dama da cidade e comparecer a eventos com seu futuro marido.

Beatriz gritou mentalmente pela quarta vez quando o livro pesado que ia sobre a sua cabeça caiu em seu pé. Novamente.

— Você é um desastre, garota! - Regurgitou ninguém menos que Dona Mercedes, sua nova professora de etiqueta. - Deixe o pescoço reto, queixo para cima. Ande com leveza, não correndo como se estivesse indo capinar.

Beatriz apenas mordeu o lábio inferior, recordando a pequena vingança que havia tido alguns dias antes, cuspiendo no ponche que a velha havia tomado. Colocou novamente o livro na cabeça, que devia pesar cerca de dois quilos, e continuou andando pela sala.

O vestido que usava apertava seu peito e quase a sufocava e o sapatos estavam machucando seus pés. Tentou andar com leveza, como a professora tanto falava. Mal levantando os pés do chão e os colocando com cuidado novamente no assoalho de madeira, cuidando para movimentar o mínimo possível o tronco e fazendo o mínimo de barulho ao tocar a madeira envernizada.

Mas como sempre, ela pareceu um brutamontes caminhando sobre ovos. O livro caiu novamente e Dona Mercedes praguejou audivelmente.

— Chega. - Disse a senhora por fim. - Por hoje chega disso. Vamos almoçar, quero ver como você está avançando no uso correto dos talheres.

E foi outro desastre.

Assim como as aulas que teve à tarde. Matemática e língua portuguesa misturando-se com geografia e história deram um nó no seu cérebro.

Para quem a criou para ser um prêmio ou uma moeda de troca, os pais não haviam investido muito na sua lapidação.

Com todas as novas tarefas que tinha, Beatriz não teve mais tempo para correr com Lua. Sequer teve tempo para escovar a pelagem macia da égua. Ou para pensar em um plano. O casamento estava marcado já fazia uma semana, mas pra Beatriz não fazia diferença nenhuma, ela ia dar um jeito de fugir.

Ouviu seu pai chamar sua mãe e depois ela, lá do primeiro andar. Desceu a escada receosa, com medo do que a esperava ao chegar. Mas ela não podia não ir. Até conseguir fugir, ela teria que ser a menina comportada que eles queriam, a dama perfeita.

O pai estava na porta, apertando a mão de um homem barbudo, com um chapéu de palha na cabeça.

— Leonora, Beatriz. Venham até aqui. Conheçam o novo capataz que contratei. Agora que vamos estar ocupados com o casamento de nossa filha, precisamos de mais ajuda com a fazenda.

— Prazer senhora, senhorita. - Falou o homem, tirando o chapéu e inclinando a cabeça, aos que as damas responderam com uma leve inclinação do queixo. - Me chamo José e aquele ali é meu filho Geovane. Estamos ao seu dispor.

Quando o menino, tirando também um chapéu de palha e inclinando a cabeça, olhou nos olhos dela, Beatriz sentiu suas pernas fraquejarem. Ele era o garoto mais bonito que ela já havia visto em sua curta vida adolescente. Com seus cabelos negros, tornados marrons nas pontas pela poeira que deviam ter pego na estrada, lindos olhos azuis, mais claros que o vestido azul que ela usava, e traços faciais retos, ele parecia uma pintura. Por baixo da camisa xadrez, vermelha e preta, que ele usava, Beatriz viu músculos fortes, que deviam ser resultado de anos de trabalho no campo.

Ele parecia ter a mesma idade que ela, talvez um ano a mais.

Nessa hora, ela decidiu adiar um pouco mais a fuga dela. Sentiu seu coração bater mais rápido.

Talvez ela conseguisse convencer o dono daquele par de olhos azuis a fugir com ela.

CAPÍTULO 5

Antônio terminou seu sanduíche e largou o papel na mesa enquanto olhava Stella se empanturrar de batatas fritas. Eles já estavam quase atrasados e ela não estava nem na metade da porção. Se se atrasassem de novo, Dona Armínea não ficaria nada feliz.

Os dois trabalhavam em uma papelaria do shopping que também atuava como um pequeno sebo. Dona Armínea era uma senhora sozinha que ficava quase todo o tempo na loja e adorava a companhia dos dois. Ela até os deixava ler os livros que estavam à venda no sebo, afinal eram livros usados.

— Tira essa mão das minhas batatas, seu ladrãozinho sujo. – Praticamente gritou Stella quando Antônio tentou, e conseguiu com sucesso, roubar um punhado de batatas fritas do prato dela.

— Tarde demais. – Respondeu Antônio enfiando duas batatas na boca. - E a sua dieta?

— Dieta? Nem sei mais o que é isso.

— Até ontem você estava toda paranoica.

— Falou bem, estava.

— O que fez você mudar de ideia? - Falou Antônio pegando mais batatas.

— Ah eu vou te matar, se eu ficar com fome de tarde por causa dessas batatas roubadas, você vai me pagar um lanche. E eu não abandonei minha dieta, não para sempre ao menos.

— Ah, entendi. Só por hoje?

— Não, até semana que vem. Essa semana vou comer até explodir. Venham batatas, venham pizzas, hambúrgueres, sorvetes. Tia Sté vai papar vocês todos.

— Louca. Pape-os logos senão vamos nos atrasar. Vou comprar um doce para Dona Armínea.

— Pegue os de nozes, ela ama.

Antônio andou até o café que havia na praça de alimentação e comprou 3 doces de nozes e um brigadeiro de framboesa que Stella amava. Quando voltou para a mesa, Stella havia terminado as batatas e tomava um copo enorme de Coca-Cola.

— Só deixa eu avisar Lucas e já vamos. - Falou a amiga, digitando aceleradamente no celular.

Pegando o copo e todas as suas tralhas, os dois foram para a loja para uma tarde longa de serviço.

Lucas recebeu a mensagem de Stella e um sorriso brotou instantaneamente no seu rosto. Mesmo após tantos anos de namoro, uma mensagem fofa da namorada o deixava todo bobo.

Respirando fundo, ele tirou o sorriso do rosto e rumou para a sala de reuniões. Tinha que comparecer a uma série de reuniões com investidores a tarde toda.

Depois que seus pais morreram, em um trágico acidente de carro quando ele tinha dezenove anos, Lucas assumiu a presidência da empresa da família e desde então o negócio só vinha crescendo. Seus pais eram ricos de berço, como costuma-se chamar quem já nasce rico. Haviam herdado muito dinheiro de seus pais e só multiplicaram esse dinheiro ao longo da vida.

Lucas e Júlia também eram ricos de berço, mas haviam ficado com o dinheiro e todos os bens após os pais serem jogados para fora da estrada por um carro desgovernado. O carro que os dois estavam capotou duas vezes e caiu pela encosta da rodovia. Os peritos concluíram que os pais já estavam mortos no momento da queda, Lucas torcia para que isso fosse verdade.

Sua irmã nunca mais foi a mesma, parou de pintar, de sair com as amigas, e ao completar dezoito anos, pegou seu passaporte e foi viajar pelo mundo. Gastando boa parte da sua parcela da herança.

Lucas ficou e depois de alguns meses assumiu a indústria de cervejas artesanais do pai e a fábrica de tecidos da mãe. Claro que ele não fez tudo sozinho, teve ajuda da ótima equipe de funcionários que mantiveram sua lealdade e compromisso.

Quando a última reunião terminou, já era passado de 19:30 horas. Lucas correu para casa tomar um banho e se arrumar.

Quando Stella e Antônio saíram do trabalho ele já estava esperando os dois. A namorada deu um beijo no seu rosto e Antônio o cumprimentou com um "e aí, cara?".

Depois de passar quatro vezes na frente do restaurante, Lucas conseguiu um bom estacionamento e os três entraram no restaurante lotado, procurando uma mesa. Por sorte conseguiram uma nos fundos, pois nenhum deles havia lembrado de fazer a reserva.

Um garçom trouxe os cardápios e os três concordaram com uma porção de pasteizinhos para começar e mais tarde pediriam uma pizza.

— Acho que você deveria ligar para ela. – Falou Stella, sentada à frente de Lucas.

— Ela não vai se atrasar.

— Ela vai se atrasar. Ela sempre se atrasa, isso quando não esquece.

— Você tem razão. - Concluiu Lucas, pegando o celular e se afastando do barulho do restaurante para realizar a ligação.

— Se eu posso perguntar, quem é ela? - Perguntou Antônio à Stella.

— Eu não te falei? A irmã do Lucas vem jantar conosco. Você conhece ela, é minha colega de quarto.

— Não lembro bem. Ela não estava viajando?

— Estava, mas voltou faz pouco e está morando comigo. Isso eu tenho certeza que te falei.

— Acho que falou, só talvez não fiz a ligação que era a mesma Júlia. Ela está bem?

— Está. Meio louquinha e desligada da vida. Mas bem.

Júlia estava distraída ajoelhada atrás do sofá da sala, desenhando na parede pequenos padrões de flores e borboletas com uma tinta preta. Stella ficaria louca quando visse, mas certamente gostaria.

Seu celular tocou novamente, mas desta vez Júlia foi mais lenta que Katy e quando entrou no quarto viu seu celular deslizando em sua direção. Era novamente seu irmão:

— Jú, você já está chegando?

— Chegando...?

— No jantar, eu te convidei de manhã.

— Ah, droga!

— Você esqueceu, certo?

— Não, eu só... eu só me atrasei. Me de uns minutos e chego aí.

— Okay. Você quer que eu ligue para o táxi ou você acha que vem dirigindo?

— Táxi, por favor. E obrigada.

— Vou te dar vinte minutos.

Júlia jogou o telefone e correu para o banheiro, precisava de um banho rápido, havia pintado o dia todo e estava suada e manchada de tinta em diversos lugares.

Colocou a roupa com o corpo ainda molhado e começou a arrumar seus cabelos, só então percebendo que havia vestido a blusa sem vestir o sutiã e teve que desfazer todo o trabalho com o cabelo para tirar a blusa e vesti-lo.

Estava colocando o sapato quando uma buzina soou na rua e ela correu para a janela e constatou que, sim, era o táxi. Já estava abrindo a porta para sair quando percebeu que havia colocado apenas um sapato, chutou o que estava usando e pegou o primeiro calçado que achou perto da porta.

Ao entrar no restaurante, sentiu-se perdida com a quantidade de gente e pensou em sair correndo na direção oposta. Mas então Stella, como se sentisse o pânico da amiga, saltou da

mesa e veio em sua direção, abraçando-a.

— Jú, você veio. E com a minha pantufa do Pernalonga.

— Ah, é sua? Desculpa, foi a primeira coisa que vi.

— Não importa, vem.

Stella estava esbanjando animação e um pouco disso passou para Júlia. Mas a animação só durou até que elas chegaram perto da mesa e Júlia viu quem estava sentado na frente do seu irmão.

— Ela chegou, babies. Jú, você lembra do Antônio?

— Oi. – Respondeu a garota, tímida.

— Hey, tudo bem? - Antônio levantou-se e estendeu a mão para Júlia, que a apertou depois de uma demorada hesitação, quando a voz dele adquiriu tons diversos na mente dela. A voz dele era como um azul calmante e um verde libertador, um amarelo alegre com uma pitada de mistério roxo, com uma paixão de vermelho intenso. Era uma miscelânea de cores, um arco íris que a fez sentir sentimentos diversos e a atraiu de uma forma que voz nenhuma algum dia fez.

— Tudo.

Júlia abraçou o irmão e ele deu um beijo em seu rosto.

— Pensamos em uma pizza, Jú - Stella esperou a confirmação de Júlia antes de continuar. Sua voz preencheu a mente de Júlia de tons vibrantes de rosa, ela estava feliz e excitada. - Quatro queijos e portuguesa?

Júlia confirmou novamente com a cabeça e Stella chamou o garçom e fez o pedido.

— Então, qual o motivo deste jantar? - Perguntou Antônio depois de um silêncio constrangedor. Sua voz novamente fazendo fogos de artifício coloridos espocarem na mente de Júlia.

— O que vocês acham de acamparmos no final de semana? - Respondeu Lucas, depois de olhar para Stella para ver se ela ia responder.

— Acampar? - Falou Júlia, um olhar maravilhado no seu rosto.

— Fazer o quê? - O olhar de Antônio foi um pouco desanimador, suas cores perderam um pouco o brilho, mas não deixaram de ser atraentes para Júlia.

— Acampar, barracas, fogueira, álcool, praia. Não sabe o que é acampar?

— Sim, eu sei o que é acampar, Stella. Só achei estranho.

— Eu achei uma ótima ideia. Onde vamos? - Falou Júlia.

— Nas nossas terras, perto da praia deserta.

— Eu topo.

— E você Antônio? Ou vai ficar com medo do Monstro do Saco?

— Assustar ele não vai convencê-lo Stella – Falou Lucas. - Ignore ela, você vai?

— Eu preciso pensar, nunca acampeei.

— Nada de pensar, você vai, vai ser legal. Amanhã vamos comprar as coisas.

Lucas aproveitou a noite para contar à irmã e aos amigos que a exposição dela seria ali naquele mesmo restaurante.

Quando a pizza chegou, os quatro já haviam feito uma lista de compras e combinado demais detalhes sobre o final de semana. Antônio, apesar do sentimento ruim que apertava seu peito, quase como um pressentimento negativo, confirmou que iria com os amigos.

CAPÍTULO 6

Março de 1973

Beatriz acordou de susto, tentando lembrar onde estava. Então sentiu o calor do corpo dele pressionado ao seu. Geovane. Então voltou a dormir.

Desde o dia em que se conheceram, quando o pai os apresentou, Beatriz não conseguiu parar de pensar em Geovane, pensar em seus olhos, imaginar o que havia por baixo daquela roupa. E sim, imaginar os dois juntos.

Ela começou a aparecer onde sabia que ele estava trabalhando, como se estivesse perseguindo-o. E ela realmente estava perseguindo-o.

Mas ela também notou que ele estava sempre cuidando a de longe.

Eles nunca haviam tido a oportunidade de ficar completamente sozinhos. Até que um dia, José mandou o filho para o pasto, cuidar das ovelhas. Sabendo que era para lá que Geovane estava indo, Beatriz subiu em Lua e o seguiu de longe.

Ali eles começaram a conversar e Geovane, mesmo sabendo que não era permitido, que ele corria risco de morte ao cortejar a filha do patrão e a noiva do prefeito da cidade, a cortejou mesmo assim. E ela correspondeu.

Naquele dia mesmo eles se beijaram, um beijo rápido, salgado pelo suor e desastrado pela inexperiência. O primeiro beijo de Beatriz. Um beijo com um tom de quero mais e de desejo implícito.

Depois daquele dia, as oportunidades para ficarem juntos aumentaram. Se por forças do destino, ou por interferência dos dois, eles passaram a se ver muito mais.

Muitas eram as noites em que Geovane aparecia na janela de Beatriz para trocar uns beijos e mais tarde, outras coisas mais íntimas, carícias e toques. Coisas que nenhuma dama deveria permitir.

Muitas também foram as vezes em que quase foram pegos, mas isso só deixava tudo mais excitante.

No dia que eles ficaram realmente sozinhos, Beatriz levou Geovane para seu quarto e ali, na cama dela, ele a deflorou, com o seu consentimento. Foi um ato de amor e paixão, talvez um ato impensado, mas foi um desejo mútuo e de absoluto prazer para os dois.

Depois daquela vez, muitas aconteceram. Depois de provar, tomaram gosto pela coisa e queriam toda hora, correndo o risco muitas vezes mais de serem descobertos.

Eles haviam feito planos para fugir juntos, Geovane tinha um amigo que poderia levá-los até a cidade vizinha, onde poderiam pegar um trem e sumir do mapa dos pais.

Por quase dois meses, levaram esse romance às escondidas, esperando a data da fuga, que já estava marcada. O pai de Geovane desconfiava, é claro, assim como a mãe de Beatriz. Mas os dois nada fizeram para impedi-los. A mãe apenas falou, uma noite em que a garota voltou tarde, com a roupa toda amarrotada, o suor brilhando na testa, os cabelos cheios de folhas secas e os lábios inchados, para a garota ter cuidado. Ela devia ter ouvido a mãe.

Naquela tarde de domingo, os pais de Beatriz haviam ido à cidade e o pai de Geovane dormia, cansado. Os dois haviam ido até um trecho distante do rio e ali mesmo, sobre uma coberta fina de Geovane, eles se amaram. Quando terminado o ato, Beatriz encostou a cabeça no peito firme de seu amado e dormiu.

Acordando horas depois, percebeu que Geovane também dormia. Chacoalhou-o para falar-lhe da hora avançada, mas antes que conseguisse acordá-lo, ouviu passos apressados e um grito de fúria.

Seus cabelos foram puxados com brusquidão, obrigando-a a ficar de pé e encarar seu pai.

— Sua cadela imunda! - Gritou o pai, saliva saltando de sua boca para o rosto da filha. - Eu sabia que havia algo errado! Estava certo em desconfiar! Eu criei uma oferecida! Uma puta!

Beatriz tentou virar-se para ver o que havia sido feito de Geovane. Ele estava sendo segurado por dois brutamontes que ela nunca havia visto.

— Preocupada com seu amantezinho, sua vagabunda? - Perguntou o pai e virando a para olhar para Geovani, falou para os dois homens: - Quebrem-no. Matem esse rato imundo.

— Não! - Gritou a garota, desesperada, enquanto os dois brutamontes jogaram Geovani no chão e começaram a chutá-lo sem piedade alguma. E ela não parou de gritar, e espernear, chutar e tentar soltar-se, até o corpo de Geovane ser deixado desfalecido no chão, sangrando e todo machucado. Ele havia tentado lutar, o que só piorou sua situação. Subitamente os olhos do rapaz se abriram e com um último folego ele pronunciou as palavras "eu te amo", fechando os olhos novamente, para nunca mais abri-los.

Beatriz gritou uma última vez e jogando-se no chão vomitou tudo o que havia comido naquele dia. O pai, enfurecido, pegou a pelos cabelos novamente e obrigou-a, só de roupas de baixo, a caminhar até a fazenda.

Apesar da tristeza e das lágrimas que escorriam em seu rosto, ela sorriu. Pois ela sentiu e sabia, com certeza, que dentro de seu ventre, crescia o filho dos dois e que ninguém iria tirar isso dela. Nem que ela tivesse que matar por ele.

Uma parte de seu Geovane sempre estaria com ela.

CAPÍTULO 7

— Então, o que você achou da Júlia? - Perguntou Stella a Antônio, enquanto colocava um fardinho de latinhas de cerveja no carrinho e o amigo pegava um de latas de Coca-Cola. Haviam saído mais cedo do trabalho, após garantir para a Dona Armínea que voltariam para acompanhá-la até em casa, visto que hoje seu filho não poderia buscá-la.

— Achei ela legal.

— Só legal? Que decepcionante.

— Legal, bonita, interessante, a timidez dela é fofinha.

— Aaaah, você gostou dela.

— Não gostei. Talvez um pouco, mas ela não fala muito.

— Isso é verdade. Mas ela falou bastante depois que chegamos em casa.

As risadinhas de Stella denunciaram à Antônio que Júlia havia falado sobre ele.

— Sério, o que ela falou?

— Era só: Antônio isso, Antônio aquilo. Antônio é lindo, Antônio é um amor. Não via ela empolgada assim com outra coisa além de pincéis grandes.

— Você é cruel. Vocês estão armando isso?

— Armando o quê?

— Júlia e eu.

— Óbvio que não, bobo. Temos que passar pegar duas barracas.

— Por que duas? Temos que pegar três.

— Duas, Lucas vai levar a dele.

— Que horas vamos sair amanhã mesmo?

— Cedo. Quando penso na hora que vou ter que levantar, penso em desistir. Vamos sair as 5:00 da manhã.

— Ah não, não, não. Podem ir sem mim.

— Sem essa, você dorme no carro. Nos braços da Júlia. - Respondeu Stella com um sorriso malicioso.

— Eu sabia que foi tudo armado.

— E se for? Vai deixar de ir por isso?

— Não mesmo.

— Vamos passar essas coisas na caixa, colocar no carro e ir levar a Dona Armínea. Já é tarde, precisamos dormir cedo.

Júlia não sabia o que era acordar tão cedo fazia anos. Na verdade ela nunca soube, nem nas vezes que acampou com o irmão e os pais, afinal eles iam de manhã, depois das 9:00 horas, e ficavam na casa de campo e apenas armavam as barracas perto da noite. Não saíam de madrugada

Mas hoje seria diferente, eles iam acampar longe do conforto e das lareiras quentes da linda casa de campo herdada por ela e Lucas dos pais.

E ela teve que acordar as 4:00 para se arrumar e comer alguma coisa, pois a viagem ia ser longa. Ou ao menos Stella tentou a acordar essa hora, e quinze minutos depois. E meia hora depois.

Até que a amiga se invocou e pegou a água que estava tomando e virou no travesseiro de Júlia. Era uma madrugada fria e a água da torneira estava gelada. Mesmo isso não foi o suficiente para acordar a garota, demorou ainda uns cinco minutos para ela sentir o frio do travesseiro e cabelos encharcados para pular da cama e correr para o banheiro tomar um banho quente.

Agora sentada no carro, esperando Antônio colocar sua mochila no porta-malas ela já estava cochilando. Acordou assustada com o baque de Lucas fechando o porta-malas e voltou a dormir após exatos cinco segundos.

Antônio acordou depois de sete horas de viagem e sentiu um peso no seu ombro e uma roda de umidade olhou para o lado e viu a cabeça de Júlia encostada no seu ombro. A roda de umidade era baba que escorria lentamente da sua boca. Olhou para a frente e viu o olhar divertido de Stella ao volante, olhando pelo retrovisor.

Ele nem havia percebido que Stella havia trocado a direção com Lucas, que dormia no banco do carona.

— Falta muito? - Perguntou à amiga.

— Já estamos chegando, só dobrar na próxima entrada e subir por mais cerca de um quilometro.

— Vamos deixar o carro na casa?

— Não, vamos de carro até perto de onde vamos acampar.

— E vamos passar pela casa ao menos?

— Se você quiser passar mais uma hora no carro, para ir e voltar, podemos passar na casa sim.

— Nossa, que longe. Melhor não. Devo acordá-la?

— Você pode tentar, mas duvido que consiga sem dar um banho nela.

Stella gargalhou, o que foi suficiente para acordar Júlia e fazer Lucas saltar no banco.

— Ah, desculpe. - Falou a garota, ao ver onde estava dormindo. Ainda bem que a camiseta de Antônio era escura, ou ela ficaria ainda mais constrangida se a roda de baba fosse mais visível.

— No que nós batemos? - Perguntou Lucas, confuso.

— Idiota, era eu rindo.

— Então batemos em um caminhão, sua risada parece o guincho dos freios de uma carreta.

— Ai, ainda diz que me ama.

Todos caíram na risada e passaram o resto da viagem conversando e rindo. Júlia estava animada, apesar de sempre se distrair e ficar olhando a estrada com um olhar triste.

Mas Antônio entendia, ela nunca mais acampou ou visitou a casa de campo após a trágica morte dos pais.

Após quase mais uma hora sacolejando em uma estrada de chão, Stella estacionou o carro na beira de um pequeno bosque, de onde era possível ouvir o som das ondas e o cheiro mágico que vinha do mar. A praia devia ficar logo depois das árvores.

— Cada um de vocês pega sua mochila e o que conseguir carregar, teremos que fazer mais de uma viagem para levar tudo. - Falou Lucas, pegando sua mochila e o fogareiro portátil que haviam levado.

Antônio pegou sua mochila, o mini botijão de gás e uma das sacolas de comidas e seguiu Stella, carregando as barracas, e Júlia, levando os colchonetes para colocarmos no chão da barraca.

— Temos que caminhar muito? - Perguntou Júlia, que sofria para segurar os quatro colchonetes enrolados juntos.

— Não, só uns 300 metros, tem uma clareira ali que podemos usar. Tem bastante espaço e fica bem perto da praia – Respondeu Lucas

— Ainda bem, porque estou com fome.

— Você sempre está com fome, menos quando está pintando. Aí esquece do mundo –

falou Stella.

— Você pinta? - Perguntou Antônio e Júlia abriu um sorriso enorme ao ver a curiosidade no rosto dele e as suas cores serem ofuscadas por um verde claro e um azul marinho que inspiravam admiração.

— Sim, ou tento. E você?

— Ah não, eu não tenho capacidade para nada.

Júlia teve que discordar dele, pois suas cores tinham uma capacidade incrível de inspiração. Ela estava louca para pintar a voz dele, muito mais colorida e cativante que muitas músicas ou que a voz de qualquer outra pessoa.

— E, chegamos – Gritou Stella, largando a mochila no chão e girando com os braços abertos.

A clareira que haviam chegado era linda, as árvores formavam um círculo quase perfeito e suas copas altas formavam uma auréola de luz solar. O vento mexia delicadamente as folhas verdes trazendo consigo os aromas naturais das árvores e do mar adiante.

— Júlia e eu vamos voltar até o carro e pegar o resto das coisas, acho que conseguimos trazer tudo. Vocês dois, comecem a montar o acampamento. – Falou Lucas, e saiu, com Júlia seguindo os seus passos e olhando para trás, para Antônio, a cada passo dado.

— Estou com um sentimento ruim. – Suspirou Antônio, um tempo depois. Quando já havia montado o fogareiro e instalado o botijão, e estava ajudando Stella a montar a primeira barraca.

— Que tipo de sentimento ruim?

— Não sei. Como se estivéssemos sendo observado, como ter alguém ou alguma coisa escondida nos olhando.

— Ah, eu também sinto isso.

— Sério? O que você acha que é?

— Estamos em uma floresta. Você sempre vai se sentir assim, nunca se sabe o que pode estar escondido atrás de cada árvore.

— Pensamento maravilhoso esse. Obrigado pela ajuda.

— Disponha. – Respondeu Stella sorrindo.

Mas Antônio não conseguia sorrir e não conseguia parar de olhar ao redor, para as árvores e para cada sombra. Esperando alguém ou algum animal saltar de trás de uma delas para atacá-los.

Abril de 1973

Ela havia sido jogada em um quarto no porão. Um quarto que ela nem sabia que existia.

E lá estava desde aquele dia. O dia em que uma parte de sua alma morreu. E parte de seu corpo.

Mas apenas uma parte, a outra vivia dentro dela, crescendo rapidamente, como mostrava sua barriga saliente.

Naquela tarde, depois de ser arrastada até em casa pelo pai, ela apanhou. Seu pai já a havia surrado vezes antes, quando ela desobedecia, retrucava ou saía pelos campos com Lua e deixava a mãe preocupada.

Mas nunca como aquela vez.

O único medo da garota era perder o filho que mal estava formado dentro dela. Então ela protegeu o ventre, o que fez o pai aumentar a intensidade dos socos e tapas, ao perceber o motivo dela proteger a barriga. Mas o pai, se por dó ou outro motivo, evitou a barriga dela e concentrou-se no rosto.

A mãe, que estava tentando convencer o pai a parar, chorando e implorando, jogou-se na frente da filha naquele momento e levou alguns socos no lugar dela. O pai não pretendia parar, se o pai do seu amado não começasse a gritar na frente da casa, fazendo o pai sair correndo do quarto. Deixando as duas sangrando e inchadas no minúsculo quartinho do porão.

Desde que fora presa e espancada, sua mãe ia vê-la todos os dias e levava bandejas cheias com comida saudável, frutas e muito leite. Mesmo que não sentisse vontade de comer praticamente nada, fosse pela gravidez que a deixava enjoada constantemente, ou pela dor da perda. Mas ela se obrigava a comer, pelo filho deles.

Ela havia sentido uma diferença gritante em sua mãe desde que o pai a arrastara até em casa pelos cabelos e as duas haviam apanhado. A mãe não era mais tão rígida, era até carinhosa.

No segundo dia de sua prisão, pois aquilo era sim, uma prisão, a mãe veio até ela e a abraçou, a levou até o banheiro que havia no canto do quarto e a ajudou a tomar banho. Trazendo água morna para lavá-la. E ali, naquele momento, com lágrimas nos olhos e uma dor profunda no peito, a menina se abriu e confessou à mãe:

— Eu o amo, mãe. Eu o amava. - Ela se corrigiu rapidamente.

— Eu sei, minha filha.

E a mãe a consolou, e voltou todos os dias para abraçá-la e consolá-la. Fazendo a

menina se perguntar se a mãe também não tinha perdido um grande amor e também, pensar no motivo para a mãe sempre tê-la tratado mal, até agora.

As feridas das duas curavam-se em ritmo lento, mas as feridas emocionais de Beatriz apenas cresciam. A cada dia presa naquele quarto escuro e sem distrações, sua dor aumentava, a saudade ardia e a raiva crescia cada vez mais, alimentada por todos os outros sentimentos.

Ela dormia praticamente o dia todo, a gravidez a deixava lenta e muito sonolenta, enquanto seu corpo se adequava para abrigar a nova vida que crescia dentro dela.

O pai foi vê-la uma vez apenas, naquele mês inteiro. Apenas para insultá-la novamente e contar, como se contasse um grande segredo, que um lugar estava sendo preparado para ela e para o bastardinho que ela carregava.

Apesar das palavras do pai, ela sabia que ele não teria coragem de fazer algo contra a vida dela e do bebê. Ele podia ser rude e cruel, na maioria das vezes, mas ele não era tal monstro. Mesmo que ele houvesse matado uma parte da alma dela e a obrigado a assistir.

No dia seguinte à visita do pai, a mãe estava um pouco distante e havia uma marca roxa nova em seu olho.

— Mãe, o que foi isso? - Gritou Beatriz.

— Não foi nada. - Garantiu a mãe, virando os olhos para o chão.

— Mãe!

— Seu noivo descobriu os ocorridos ontem.

— E ele cancelou o casamento.

A mãe não respondeu, afinal não havia sido uma pergunta. Praticamente nenhum homem, ainda mais o prefeito da cidade, aceitaria se casar com uma mulher carregando um filho bastardo.

Dessa vez foi a filha que abraçou a mãe. E as duas se consolaram. Naquela noite a mãe dormiu no quartinho do porão, com medo de voltar para o quarto do marido.

Beatriz sabia que o pai culpava a mãe pelas coisas que ela havia feito. E ela se culpava por ter feito tantas coisas sem pensar na mãe, que apesar de ser fria com ela, sempre a tratou da melhor forma possível.

Ela prometeu para si mesma, que nunca mais faria nada errado, nada que pudesse fazer alguém sofrer por culpa dela. Prometeu que viveria apenas para ver seu filho crescido e depois iria encontrar seu amor.

Os dias passavam lentamente e sua barriga crescia cada vez mais. E ela sentia que seu menino, porque ela sabia que seria um menino, crescia forte em seu útero. Ele seria forte e lindo como o pai.

Mas ela temia pelo futuro e pelo dia que o pai apareceria para levá-la para o lugar especial que estava sendo preparado para ela. Ela temia, principalmente, por não ser capaz de imaginar que lugar seria esse.

CAPÍTULO 9

Deixando de lado a sensação ruim, Antônio continuou ajudando Stella.

— Por que só tem duas barracas aqui, Stella?

— Ooops. Acho que Lucas esqueceu de trazer a dele.

— Esqueceu? Você realmente quer que eu acredite nisso?

— Quero, ué.

— Vocês dois estão de conluio.

— Ei, não queremos te fazer mal nenhum.

— Só estão me forçando para cima da sua cunhada. Agora só falta querer que eu e ela fiquemos na mesma barraca.

— Comigo é que você não vai dormir. E muito menos com o Lucas, vai que resolve atacar ele de noite.

— Eu não quero seu namorado, eca. Beijaria você por tabela e seria como beijar uma irmã por tabela.

— Awnn, que fofo. Então, já que somos maninhos, você pode beijar a maninha do Lucas.

— Se vocês continuarem forçando a barra isso não vai acontecer. Como ela não percebeu nada ainda?

— Ela vive no mundo da lua.

— Quem vive no mundo da lua? - Perguntou Júlia, entrando na clareira com uma pilha de cobertores nos braços, assustando Antônio, que bateu com o cotovelo na barriga de Stella.

— Minha mãe! - Gemeu Stella, passando a mão na barriga e fulminando Antônio com os olhos. - Vive se esquecendo das coisas e é lenta para perceber as coisas.

— Ah! – Foi a resposta de Júlia, que olhava sonhadora uma borboleta voando em círculos.

Já passavam das 15:00 horas quando eles finalmente conseguiram almoçar os bifes que Stella preparou às pressas. Haviam levado algumas carnes, para consumir no sábado, o primeiro dia, e coisas não tão perecíveis para o domingo.

Depois de comer, Antônio esperou um tempo e foi dar um mergulho na água gelada do mar. Stella e Júlia estavam caminhando na beira da água, molhando apenas os pés e Lucas os

olhava de longe, quase dormindo encostado em uma árvore, com uma lata de cerveja na mão.

Antônio nadou para o lado oposto ao acampamento, curtindo a sensação da água clara em seu corpo. Já havia se acostumado com o gelo da água e agora a temperatura estava confortável, mas não poderia ficar muito tempo, pois não era um dia quente.

Parou de nadar por um momento e sentiu-se desorientado por alguns instantes. Localizou as amigas e sentiu sua mandíbula relaxar. Elas estavam caminhando para a mesma direção que ele havia nadado.

Tomou um impulso para a parte da água onde foi capaz de sentir o chão e ficou apreciando a sensação da areia entre seus dedos. Só então viu uma grande pedra na parte mais distante da praia e percebeu que era pra lá que as amigas estavam indo, resolveu acompanhá-las.

A pedra devia ter uns 4 metros de diâmetro ou mais, musgo cobria a sua superfície e era possível ver pequenas saliências onde não havia musgo. Devia ser por onde as pessoas subiam na pedra.

Com cuidado, Antônio escalou a pedra e colocou a mão em um pedaço de tecido que havia em cima dela. Quando terminou de subir, viu que era uma toalha, um pouco desgastada pelo tempo e torrada pelo sol. Alguém devia tê-la esquecido ali e não parecia fazer muito tempo.

— Ei, palerma. Ajude as damas a subir! - Gritou Stella.

Pegando a toalha, Antônio a enrolou e desceu pelo lado da pedra, para a amiga se segurar pra subir.

— De onde você tirou isso? - Perguntou Júlia, com certo nojo.

— Estava aqui em cima.

— Não importa, eu vou subir. – Exclamou Stella.

Antônio esperou a amiga pegar a toalha, não sem antes hesitar e passar um olhar de nojo por seu rosto, e começar a subir, para soltar a toalha.

Stella caiu de bunda no chão, levantando uma leve poeira amarela e se enchendo de areia. Júlia começou a gargalhar e Antônio rolou na pedra, rindo de olhos fechados.

— Ah, eu vou te matar!

— Só se você conseguir subir! - Gritou Antônio, gargalhando mais ainda. Mas sua diversão morreu quando ele abriu os olhos e viu o que havia atrás da pedra.

Pulando para uma pedra menor que havia perto e depois para o chão, Antônio chamou as amigas para irem com ele.

Atrás da pedra, haviam duas barracas. Ou o que sobrou das barracas.

Uma delas estava toda fatiada, como se alguém houvesse passado uma faca muito

afiada em seu tecido frágil. A outra estava aparentemente intacta, mas com a aba que a fechava com zíper, arrancada. Havia roupas e outras coisas espalhadas entre as barracas, embalagens e lixo.

— O que diabos aconteceu aqui? - Exclamou Stella, assustada.

— Não sei se quero saber. – Respondeu Antônio.

— Vou chamar o Lucas. - Júlia saiu correndo, ao mesmo tempo em que falava isso.

— Isso não parece recente, certo? - Falou Stella.

— Não, pelo estado das coisas, faz alguns meses já.

— Fico mais tranquila. Mas novamente, o que diabos aconteceu aqui?

— Eu tenho uma ideia, mas não quero acreditar. Vamos esperar Lucas e Júlia e depois vamos sair daqui.

Estavam de volta na clareira, sentados em cadeiras de praia. Os quatro desconfiados, olhando por sobre o ombro e observando cada sombra.

— O que vamos fazer? Devemos ligar para a polícia?

Antônio olhou para Stella, que mal terminou de falar e começou a roer suas unhas. Ele havia contado suas desconfianças. Em um dos casos do psicopata que seu pai estava caçando, dos irmãos gêmeos e a namorada, não havia sido descoberto de que lugar eles haviam sido levados. Suas coisas não haviam sido encontradas, roupas, documentos, nada.

O garoto queria apostar que se fosse revirar as coisas jogadas nas barracas ia encontrar identidades, carteiras de motoristas e cartões nos nomes de Ami e Jin Ikeda e Maria Barbosa.

— Eu preciso ligar pro meu pai, eles estão procurando por essas coisas faz muito tempo. – Sentenciou Antônio.

— Espere até amanhã. Amanhã de tarde você liga pra ele. – Falou Lucas.

— Não, não posso esperar.

— E porque ligar amanhã? Não podemos ficar aqui, temos que ir embora. – Praticamente gritou Stella.

— Não, não temos. Não deixem isso estragar nosso final de semana.

— Você está louco? Aquilo é a porcaria da cena de um crime! Não podemos ficar aqui e não podemos esperar para contar à polícia.

— Antônio, pare e pense. Um dia vai fazer diferença?

— Não realmente, mas as famílias daquelas pessoas precisam de respostas. E acho que encontrar as coisas dos filhos pode ser um passo importante para o luto.

— Eles já estão mortos, as famílias já estão de luto, não muda nada. Não me olhem com essa cara. Outra coisa, O Psicopata da Praia já atacou no mesmo lugar?

— Não. - Respondeu Antônio relutante.

— E ele sempre ataca com uma diferença de meses. E os corpos foram encontrados bem longe daqui, em outro estado. Aquelas coisas nem devem ser daquelas pessoas.

Stella, cansada de ficar de boca fechada, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, sempre voltando correndo para perto deles caso chegasse muito perto das árvores. Júlia apertava as mãos no colo, as articulações brancas de tanta força.

— Vamos ficar hoje, beber, nos divertir. E amanhã vamos embora. Nada vai acontecer.

Antônio não concordou com o amigo, mas sabia que não adiantava discutir. Ele já havia bebido algumas cervejas e já estava um pouco fora do seu normal. Superando o medo das árvores, correu até a praia, ficando em um terreno aberto, de onde poderia cuidar todos os lados.

Sentou na areia e pegou o celular, ia ligar para seu pai de qualquer forma. Não importava o que Lucas falasse ou que lógica ele usasse, Antônio não conseguia afastar a sensação de perigo que oprimia seu peito.

Mas essa sensação só aumentou quando olhou o celular, ele não estava pegando ali, nenhum risquinho de sinal apareceu para lhe dar um pouco de esperança. Ouviu um barulho na borda da floresta e imediatamente se virou.

Júlia corria em sua direção.

— Stella falou para ficarmos juntos, para não sairmos por aí sozinhos.

— É melhor mesmo, desculpe por sair correndo.

— Você estava tentando ligar para o seu pai?

— Sim, mas não tem sinal nenhum aqui. O seu tem?

— Sem bateria. O de Stella não pega aqui também.

— Temos que tentar olhar o de Lucas.

— Estou com medo, Antônio.

— Ei, calma. Vai dar tudo certo. Lucas tem razão, o assassino nunca ataca no mesmo lugar, essas coisas nem devem ser daquelas pessoas. Os corpos foram achados em Santa Catarina, ainda estamos no Rio Grande do Sul. Vem aqui.

Abrindo os braços, Antônio puxou Júlia e a abraçou, sentindo a se acalmar. Embora tivesse falado aquelas coisas para a garota, ele não conseguia se acalmar. Seria uma longa noite.

CAPÍTULO 10

Maio de 1973

Ela estava novamente presa em memórias. Lembrando do sorriso, onde apenas um canto da boca levantava totalmente, mostrando os dentes brancos embaixo, enquanto o outro lado se torcia levemente. O sorriso dele sempre chegava nos olhos primeiro.

Aqueles olhos azuis, que poderiam parecer frios, mas apenas para quem não os conhecia. Para Beatriz, aqueles olhos eram como uma piscina quente que ela sempre queria se jogar e se perder em sua imensidão infinita.

Tinha também seus lábios, que ela havia beijado tantas vezes. Lábios que na maioria das vezes estavam ressecados, pelo trabalho árduo no campo, mas que ela rapidamente umedecia com os dela. Ou passava a língua sobre eles, saboreando seu gosto.

O cheiro dele era como um perfume desenvolvido especialmente para ela, que a cativava e excitava. Um cheiro de suor, terra e sabão de coco. E como ela gostava do cheiro de terra misturado com o de coco. Nem o cheiro de suor que sua pele emanava as vezes era completamente desagradável para ela.

Ela estava perdida, mergulhada na memória do pique nique que os dois haviam feito logo no começo do namoro escondido, com direito a frios, frutas e até vinho que ela havia pegado escondido da adega do pai. Ela nunca havia bebido antes. Naquele dia, ela bebeu vinho direto da boca dele e havia gostado.

Estava lembrando dos lábios dele, percorrendo os braços dela, das pontas dos dedos ao cotovelo, passando delicadamente no pulso, quando a porta do quartinho se abriu.

A mãe entrou correndo, trazendo uma bolsa de pano que a garota usava para ir à escola, há muito tempo atrás, quando ainda frequentava a escola. A bolsa estava cheia e o rosto da mãe estava suado e vermelho. Seus cabelos, que sempre estavam perfeitamente alinhados, estavam espicaçados para vários lados.

— Mãe, o que está acontecendo?

— Não temos tempo. - Falou a mãe aflita, pegando Beatriz pelo braço, branco, devido à falta de luz solar, e a puxando para fora do quarto.

— Mãe!

— Eu descobri para onde seu pai quer levá-la. - Falou a mãe, parando e arrumando o cabelo da filha atrás da orelha, com um olhar de preocupação extrema transtornando suas feições. - Nós temos que sair daqui rápido, ele está pronto para levá-la.

— Para onde ele quer me levar? - Perguntou Beatriz, correndo atrás da mãe para a

escada do porão que as levaria para o corredor do primeiro andar da casa. Como a mãe não respondia, perguntou novamente. - Mãe? O que você descobriu?

— Agora não! Temos pouco tempo.

Saindo do corredor, ainda correndo e com a mão firmemente agarrada ao braço da filha, Leonora correu para a porta da frente da casa, passando pela sala de estar sem direcionar um olhar para dentro.

Tentou abrir a porta e acabou trombando contra ela quando esta não abriu, forçou a maçaneta novamente sem sucesso.

— Eu deixei essa porta aberta! - Exclamou a senhora, procurando a chave no buraco e não a encontrando, começou a procurar no chão.

— Mãe, vamos pela cozinha.

Desistindo de procurar a chave, a mulher levantou-se e deu de cara com o marido, parado na porta aberta da sala de estar.

— Procurando por isso? - Falou o pai, mostrando a chave que a mãe tanto procurou.

— Me dê a chave. Por favor, deixe a ir! - Pediu a mãe.

— Ela vai ir, mas ela vai comigo.

— Não! Não a leve para aquele lugar. Eu lhe imploro!

A mãe se jogou de joelhos aos pés daquele homem que tanto a humilhou, pedindo pela filha, e ele simplesmente riu da atitude dela. Fazendo um sinal para dentro da sala de estar, chamou um homem, um dos seus trabalhadores mais antigos.

— Pegue-a. Você sabe para onde levá-la.

Beatriz tentou fugir, mas, encurralada entre a porta trancada, o capataz e o pai, ela não tinha muita escolha. Recuou até encostar as costas na porta e ali, de olhos fechados, sentiu as mãos do capataz pegarem seus braços e começarem a arrastá-la.

— Me deixe ir junto com ela. - Gritou a mãe.

— Fique quieta mulher! - Esbravejou o pai em resposta.

— Pelo menos até a criança nascer!

— Ou você fecha essa matraca ou eu a fecho para você! - Gritou o pai, mais alto.

— Deixe ela levar essa bolsa, ao menos isso, por favor!

Beatriz viu a fúria nos olhos do pai, arrancando a bolsa das mãos da mulher e atirando-a na garota, o pai empurrou Leonora com força contra a porta. A mulher escorregou para o chão inconsciente.

— Mãe! Monstro desgraçado! Eu vou te matar! - Beatriz tentava soltar-se do capataz que a segurava fortemente. Atacaria o pai, nem que fosse com as próprias unhas, que estavam

grandes depois de tanto tempo presa no porão.

— Leva-a logo!

Com as palavras do pai, Beatriz foi arrastada para a cozinha e dali para fora da casa.

— Eu te odeio! - Gritou antes de sair completamente da casa.

Antenor, esse era o nome do capataz, amarrou suas mãos e a arrastou até o carro do pai, um Chevrolet 150 azul, fechou as portas com um estalido final e acelerou.

Viajaram por vários quilômetros, até chegar a uma praia, o mato chegava até quase na beira do mar, tendo uma pequena faixa de areia com bastante pedras.

Por um momento, Beatriz pensou que havia sido levada até ali para ser assassinada, jogada no mar ou deixada ali na praia longe de tudo. Mas então viu um pequeno barquinho a remos amarrado em uma pedra alguns metros para a esquerda de onde estacionaram.

Antenor pegou a bolsa que a mãe havia dado e mais duas bolsas grandes e levou para o barco. Em seguida, voltou e abriu a porta do carona, puxando Beatriz para fora do carro e também a levando até o barco.

A garota tentou novamente se soltar, sem sucesso. Sem outra escolha, a não ser entrar por si mesma ou ser carregada por Antenor, Beatriz entrou sofredamente no barco, desequilibrada pelo peso extra do filho em desenvolvimento, o qual não estava acostumada, e pelos pulsos amarrados (os quais também não estava acostumada), quase caiu sobre a borda do barco para dentro do mar gelado.

O dia estava frio, com um vento cortante que arrepiava os cabelos de Beatriz, esperava que a mãe houvesse colocado roupas quentes na bolsa. Ela não podia se dar ao luxo de passar frio na sua condição. Mexeu na bolsa que a mãe havia arrumado e encontrou um casaco, vestiu-o.

Encontrou também comida, frutas, pães e defumados que não estragariam rapidamente. Além das roupas dela, haviam roupas para a mãe e para o bebê que estava por vir. Roupas tricotadas à mão, amarelas, azuis e rosas. Lágrimas vieram aos seus olhos vendo aquele gesto de sua mãe.

Eram roupas tricotadas e costuradas à mão, de diversos tamanhos e diversas cores. A mãe não sabia o sexo do bebê, mas a cor das roupas não importava para Beatriz. Apenas todo o trabalho que a mãe havia tido.

As lágrimas continuaram correndo, impulsionadas pelo que havia acontecido com o pai de seu filho, por sua mãe ter ficado sozinha com aquele crápula que batia nela e por não saber para onde estava sendo levada ou o que seria feito dela.

Antenor remou quase o dia todo, parando apenas por alguns momentos para descansar.

Se viu as lágrimas de Beatriz, preferiu ignorar.

Quando os últimos raios de luz do sol, que ia se pondo, estavam quase desaparecendo do céu, Beatriz viu o seu destino. Ela havia dormido ou chorado a maior parte da viagem, perguntado algumas vezes para o capataz para onde estavam indo, mas ele não havia nem se dado ao trabalho de demonstrar que a ouvia.

Agora, o barco rumava lentamente para uma ilha.

Não era uma ilha grande, mas também não era pequena. Chegava a ser maior que a sua cidade, mas não muito maior. Uma faixa de areia quase branca margeava uma floresta de árvores altas e verdes. Algumas pedras dificultavam a chegada do barco até a praia, mas nada que não fosse fácil de contornar com calma.

Beatriz sentiu o pequeno solavanco quando o barco bateu na areia, escorregando mais alguns centímetros para fora do mar. Ela tentou saltar sozinha do barco, mas quase caiu novamente. Obrigada a esperar, ficou olhando enquanto Antenor saiu do barco, molhando as botas na água rasa, retirou as bolsas e levou-as até a borda da floresta.

Tirando a do barco ele falou:

— Bem-vinda à sua nova casa.

CAPÍTULO 11

A noite já havia caído e Antônio ainda não havia conseguido pôr as mãos no celular de Lucas, Júlia também estava tentando e não havia tido sorte. O amigo devia estar com o celular nos bolsos traseiros da calça ou escondido em algum lugar.

Lucas já estava completamente bêbado, falando besteiras, e Stella estava o alcançando rapidamente. Como se bebesse para afastar o medo ou para conseguir relaxar. Antônio e Júlia estavam assando marshmallows na fogueira que o garoto havia feito no centro da clareira.

Ele havia tentado arrumar algumas coisas para alertar a aproximação de intrusos, como fios com latas ou algo barulhento para amarrar nas árvores, apenas para acalmar um pouco o seu medo e o de Júlia. Mas não havia encontrado nada que pudesse utilizar. Então apenas juntou alguns galhos ao redor da clareira.

Júlia recusou um quarto marshmallow e apenas pegou uma latinha de Coca. Ela não parava de olhar para todo lado.

— Então, o que você mais gosta de pintar? - Perguntou Antônio, na tentativa de distrair um pouco a moça.

— Principalmente músicas. Mas gosto de pintar modelos vivos também e algumas paisagens. - Percebendo que Antônio poderia entender outras coisas sobre a parte dos "modelos vivos", Júlia imediatamente se corrigiu. - Minha gata é a minha única modelo. A única. Embora seja meio difícil lidar com os humores dela.

— Músicas? - Perguntou Antônio confuso.

— Sim.

— Não entendo, como isso funciona?

— Você já viu uma reportagem sobre pessoas que veem sons? Veem cores quando ouvem os sons?

— Já vi sim. Você é uma dessas pessoas?

— Não. Ou pelo menos não da forma como foi mostrado na reportagem. Eu não vejo os sons como se eles estivessem pintados no ar, ou algo do tipo.

— Então como você vê?

— Quando eu escuto algo, como essas risadas de bêbados, é como se minha mente convertesse o som em cores.

— E tem alguma lógica? Por exemplo: se eu fosse como você, essas risadas estariam em um tom verde vômito.

— Não sei, talvez tenha e seja tudo um mecanismo da minha cabeça. Para mim essas

risadas tem um tom amarelo cocô.

— Bem parecido também. - Respondeu Lucas rindo.

Júlia sorriu e tomou mais uns goles de Coca. Seu olhar perdeu-se nas árvores por um tempo, olhando de uma para outra, como se buscasse algo. Eles haviam instalado luzes em algumas árvores, com baterias portáteis. Somando as luzes artificiais, a luz da lua cheia e a luz da fogueira, a área imediatamente ao redor deles estava bem clara.

Mas assim como ali estava claro, mais distante as sombras eram mais escuras e assustadoras.

Stella subiu no colo de Lucas e os dois começaram a se beijar, compartilhando um cigarro e vez ou outra tomando cerveja da boca um do outro. Júlia ficou vermelha e Antônio também ficou constrangido.

— Ei, por que vocês não vão para a barraca? Ou melhor, para a praia. Bem longe de nós.

A única resposta dos dois foi erguer o dedo médio para Antônio, de maneira sincronizada, e continuarem se beijando. Júlia estava sentada em um tronco caído, meio apodrecido e havia colocado seu cobertor sobre ele para sentar em cima. Sentiu um arrepio repentino e o frio da noite começou a aumentar, fazendo a encolher-se e se abraçar.

Antônio, vendo o estremecimento de Júlia, pegou seu cobertor e foi sentar ao lado da garota, jogando o cobertor sobre os ombros dos dois e ficando bem pertinho dela.

— Obrigada. – Falou ela, desviando o olhar para longe de Antônio.

— Você viajou bastante esses últimos anos, não?

— Sim, viajei. E você?

— Eu? Eu nunca sai nem do estado.

— Ah. Mas gostaria de sair?

— E como gostaria! Que países você visitou?

— Quase todos os países da Europa, passei um bom tempo nos Estados Unidos, Canadá e Austrália. Foram tantos lugares que nem lembro direito.

— Nossa, meu sonho é conhecer a Austrália.

Uma súbita movimentação distraiu os dois da conversa, Stella, com os botões da blusa abertos, deu boa noite para os dois e entrou na barraca. Lucas se demorou um pouco mais, escondendo a frente das calças com a jaqueta, olhou por um tempo para onde os dois estavam, como se estivesse tentando focar a visão.

— Vocês dois, se compooortem. Nós vamos... dormir. Boa noite! - Falou, desistindo de localizá-los e apontando a esmo em variadas direções. Tropeçando, entrou na barraca.

— Fechem a aba! - Gritou Júlia.

Nenhuma resposta foi ouvida de dentro da barraca e nem a aba foi fechada.

— Então, acho melhor irmos dormir. Logo vai ficar desagradável estar acordado com os sons que saírem dali. - Falou Antônio, apontando para a barraca.

Um momento de indecisão pareceu tomar os dois.

— Você pode ficar com a barraca, eu me ajeito por aqui mesmo.

— Não. - Falou Júlia, pegando a mão de Antônio e o puxando para perto de si.

Seus corpos estavam perto demais, quase colados. Suas respirações condensadas se misturavam e o calor irradiava de um corpo para o outro. Por um momento só se olharam, até que Antônio tomou a iniciativa, abaixou-se e pegou o rosto de Júlia nas mãos, aproximando sua boca da dela.

E eles estavam se beijando.

Para Júlia, se as cores da voz dele já eram como fogos de artifício, o beijo foi como as explosões das estrelas.

Para Antônio, o beijo foi diferente de tudo o que ele já havia vivido, quente, delicado e doce, com sabor de Coca, marshmallows e um leve toque de álcool das cervejas que a garota havia tomado de tarde.

O beijo durou um pouco menos que o folego dos dois e quando se separaram, o frio inundou o espaço entre os dois. Pegando o cobertor com uma mão e a mão de Júlia apertada na outra, Antônio os levou para dentro da segunda barraca e fechou a aba.

Antônio acordou com a luz da manhã passando pelo tecido fino da barraca, sentiu o calor de um corpo encostado no seu. Por alguns segundos, enquanto a confusão matinal não se dissipava de sua mente, ele esqueceu de quem era aquele corpo.

Até que olhou para o lado e viu os cabelos loiros de Júlia espalhados no seu peito nu. Eles estavam nus, mas nada havia acontecido, Antônio lembrou.

Depois que entraram na barraca, se beijaram por mais um tempo e conversaram por mais outro bom tempo, tentando ignorar os sons que vinham da outra barraca. Até que foi impossível ignorar e os dois dormiram, com os corpos colados para espantar o frio.

Stella havia armado aquilo, juntar ele e Júlia na mesma barraca. Ela queria que algo acontecesse.

E algo havia acontecido, não fisicamente, mas emocionalmente. Um sentimento por Júlia começava a crescer dentro de Antônio. E o mesmo podia-se dizer da garota, que havia pensando nele desde aquele jantar.

Antônio estava fazendo carinho nas costas de Júlia, circularmente com as pontas dos

dedos, quando ouviu Stella gritando, chamando por Lucas. A aba da barraca foi subitamente aberta, deixando entrar o frio da manhã.

— Opa, desculpa! – Disse a amiga, com um sorriso malicioso de quem não sentia muito, quando viu os dois abraçados nus e Júlia puxando as cobertas até o queixo, acordando de susto. - Não vi nada, ou melhor, não queria ter visto. Agora levantem essas bundas nuas daí e coloquem uma roupa. Lucas não está em lugar nenhum e não quero sair sozinha procurar.

Quinze minutos depois, quando eles finalmente conseguiram encontrar todas as suas roupas e vesti-las no espaço apertado da barraca, Júlia e Antônio saíram para o brilho ofuscante da manhã.

Stella já estava bufando, revirando as coisas na mochila de Lucas.

— Achou o celular dele? - Perguntou Antônio.

— Não. Ele não trouxe o celular por medo de perder. Estava procurando as chaves do carro.

— E achou? - Perguntou Júlia, piscando os olhos rapidamente para afastar o sono e se acostumar com a luz do sol que penetrava em longos raios pela copa das árvores.

— Não também.

— Então vamos até o carro, ele deve estar lá.

Mas ele não estava lá. O porta-malas do carro estava aberto e as portas escancaradas. Algumas das coisas que eles haviam deixado no carro para pegar mais tarde estavam jogadas para todo lado.

— O que aconteceu aqui? Lucas! - Gritou Stella.

Júlia começou a gritar com ela, chamando o irmão, enquanto Antônio entrou no carro e viu os fios da ignição cortados. Saiu do carro e olhou ao redor, mais perto da borda da floresta, havia um pedaço de tecido rasgado, que parecia suspeitamente com a camisa que Lucas usava no dia anterior.

Pegando o retalho rasgado, Antônio viu algumas gotas de algo vermelho manchando o tecido e o chão. Ele podia jurar que era sangue. Correu até onde as amigas estavam.

— Fiquem quietas. – Sussurrou.

— Não me mande ficar quieta. – Rosnou Stella. - Lucas! Lucas!

Com a mão que não segurava o tecido, Antônio fechou a boca da amiga, que tentou mordê-lo. Mostrou o tecido às duas e falou:

— Os fios estão todos cortados, mesmo que achemos a chave, aquele carro não vai pegar.

As lágrimas começaram a escorrer do rosto das duas meninas ao ver o tecido manchado de sangue.

— O que... o que vamos fazer?

— Me dá seu celular. Vamos até a pedra, se eu subir nela talvez consiga algum sinal.

A amiga concordou e entregou o celular a ele. A batedeira estava quase acabando, mas tinha o suficiente para fazer uma ligação.

— Fiquem perto e andem rápido, não se aproximem muito das árvores. - Recomendou Lucas.

Dando a volta, Antônio contornou a borda do bosque e caminhou rapidamente, quase correndo, para a parte aberta da praia. As amigas vinham imediatamente atrás dele, acompanhando seu passo.

Ele estava preocupado com Júlia, o olhar de pânico não saía de seu rosto. Ela já havia perdido os pais, devia estar com medo de perder o irmão também.

Antônio avistou a pedra e correu até lá, os baques abafados atrás dele indicavam que as amigas estavam correndo também. Subiu na pedra muito mais rápido que da primeira vez. Pegou os dois celulares e olhou o sinal de cada um. O de Stella estava com dois riscos.

Fez a ligação. Seu pai atendeu no segundo toque.

— Alô?

— Pai, sou eu. Você tem que vir nos buscar, o Lucas sumiu. Achamos as coisas daquelas pessoas, aquelas que o assassino matou. Por favor, venha rápido.

— Onde vocês estão? - Gritou o pai, e Antônio ouviu a porta da casa bater e em seguida a do carro.

Quando ia começar a falar onde estava, ouviu um barulho atrás de si. A princípio pensou que era uma das amigas, mas o barulho foi em cima da pedra, atrás dele.

Júlia gritou quando um homem com um saco na cabeça apareceu atrás de Antônio, com um galho grosso na mão. Stella gritou também, pedindo para o amigo pular.

Antônio olhou para as duas confuso e então o homem atacou. Uma pancada seca na cabeça de Antônio o derrubou e ele caiu da pedra, aterrissando na areia com um ruído nauseante.

Júlia atirou-se no chão ao lado dele e pegou sua cabeça no colo.

— Corram. Se escondam. – Gemeu ele com um filete de sangue escorrendo do nariz, sua mão mexendo na areia ao seu lado.

— Não!

— Vão! Eu alcanço vocês depois.

E então elas correram, embora relutantes.

Quando Júlia olhou para trás, Antônio não estava mais onde havia caído.

— Ele foi levado! Aquela coisa levou ele!

— Aquela coisa é o psicopata que está sendo procurado por matar um monte de gente.

— Será que Antônio conseguiu falar para o pai dele onde estamos?

— Não sei. Eu espero que sim.

As duas correram até chegar à encruzilhada que levava ou para a casa de campo de Júlia ou para a estrada de onde vieram.

— Para onde devemos ir? - Perguntou Júlia, em pânico.

— Se formos para a estrada, pode ou não pode passar alguém. É mais fácil não passar. Você tem a chave da casa?

— Tenho.

— Vamos para lá, podemos nos trancar na casa e lá tem sinal. Além do mais, é mais perto ir até a casa do que até a estrada.

E assim, as duas correram. Como se suas vidas dependessem disso, e elas realmente dependiam.

Há quilômetros dali, em uma delegacia de polícia, estava o celular do investigador Cézar com uma ligação ativa para um número desconhecido e um grupo de policiais concentrados em localizar o sinal.

— Temos a localização! - Gritou um dos policiais.

— Vamos pegar esse maníaco! - Gritou outro.

— Vamos salvar meu filho – Sussurrou Cézar.

CAPÍTULO 12

Maio de 1973

Aquelas seis palavras proferidas por Antenor mudaram sua vida completamente. Mais do que ela já havia mudado. Beatriz sentiu o pequeno pedaço de chão no qual ela mal conseguia se manter de pé, ruindo. Sentiu-se cair em um abismo, ao mesmo tempo em que caía de joelhos na areia molhada.

Naquela noite, Antenor ficou com ela. Para ajudá-la a se acomodar, ele disse. Carregou as bolsas dela para dentro da floresta e a mandou segui-lo. Com dificuldade, ela se arrastou atrás dele, embrenhando-se cada vez mais na floresta já escura àquela hora.

Cada ruído diferente a assustava, cada sombra a fazia pular desconfiada. Seguiu Antenor, tropeçando em galhos e raízes e fazendo mais barulho que uma manada de elefantes, até uma pequena área aberta no meio da floresta. Área aberta pelo homem, ela percebeu, devido aos tocos cortados das árvores e ervas daninhas e flores silvestres esmagadas.

No centro da área aberta havia uma pequena casinha, feita de madeira simples, sem pintar, com telhado triangular, similar a uma cabana. Antenor entrou na casa, largou as bolsas e voltou até ela com uma faca na mão.

Ela recuou assustada, tentando fugir, mas parou quando ouviu as palavras dele.

— Você realmente pensa que eu ia te trazer até aqui para te matar? - E falando isso, cortou as cordas que prendiam os pulsos da garota.

Entrando na casa, Beatriz se deparou com uma mescla de cozinha e sala. A casa era até bonitinha, e Beatriz se perguntou se era uma forma de seu pai amenizar as coisas ou se desculpar. No primeiro cômodo havia uma pia simples, um fogão à lenha, alguns armários, uma mesa com duas cadeiras, um sofá e uma estante.

Para a surpresa de Beatriz, a estante estava repleta de livros. Alguns seus, outros da mãe ou do pai e até alguns novos. Novamente viu o pedido de desculpa do pai ali. Mas isso não era motivo suficiente para perdoá-lo por tudo que havia feito.

Ela andou até a porta em uma extremidade da parede e encontrou um quarto com uma cama de solteiro, uma tina para banhos, um baú grande encostado na parede e um berço trabalhado em madeira. Em uma das paredes do quarto haviam algumas prateleiras com brinquedos, também de madeira.

Novamente as lágrimas vieram ao seu rosto e deslizaram por sua face molhada. Ela imaginou os três morando ali, Geovani e o filho dos dois correndo ao redor da casa, brincando enquanto ela preparava o almoço. Os dois lendo para o filho e depois se amando em silêncio enquanto o filho dormia.

Mas ela nunca poderia viver isso. Nem com Geovani, nem com outro homem. Seria apenas ela e o filho, para sempre.

Antenor desapareceu na manhã seguinte, antes que Beatriz acordasse, depois de chorar por horas ao lado do berço.

Já haviam se passado três dias naquela ilha cheia de vida.

Beatriz não havia feito muita coisa nesses três dias, apenas comido algumas coisas e tomado a água que havia em garrafas de vidro retiradas da bolsa da mãe, e procurado por uma latrina. Não havia.

Seu pai, aparentemente, não havia se preocupado com a higiene dela. Afinal, ela tinha toda uma ilha para fazer as necessidades. Mas ela se afastou apenas alguns metros da casa, se agachando e urinando atrás da casa, nas poucas vezes que saiu de perto do berço.

No terceiro dia, o frio e a fome aumentaram e Beatriz resolveu tomar uma atitude. Pegou uma calça e uma blusa na sacola da mãe e trocou pelo vestido imundo que vestia. Enquanto trocava de roupas, sentiu o cheiro de seu corpo e concluiu que um banho também era uma necessidade urgente.

Comeu um pedaço do pão que a mãe havia dado, que estava seco e com alguns pontinhos verdes começando a surgir, com um pedaço de queijo que ela não tinha certeza se ainda estava bom, depois de tanto tempo fora da geladeira.

Do lado de fora da casa, ela olhou ao redor por um tempo, tentando detectar a presença de algum predador ou algo que pudesse fazê-la mal. Não ouvindo nada, ela nunca ouvia nada suspeito, apenas o canto dos pássaros e o som suave das ondas e do vento, ela rumou para trás da casa, onde havia um pequeno galpão com algumas ferramentas e alguns metros de lenha empilhados.

Fez uma lista mental do que havia ali: um machado, um facão, algumas varas de pescar e uma pá. A lenha que havia ali seria suficiente para apenas alguns meses e terminaria antes que seu filho nascesse. Ela teria que se abastecer de mais lenha, pois nos últimos meses, não teria condições de erguer o machado pesado.

Pegou uma braçada de lenha e voltou para dentro da casa, levando o facão com ela, como uma forma de proteção.

Depois que levou a lenha até a frente do fogão, ela começou a pensar em como acenderia o fogo. Procurou primeiro nas bolsas grandes que o pai havia mandado, já que na da mãe, não havia nada. Na primeira bolsa, a maior, encontrou lençóis, cobertores e dois travesseiros, um para o bercinho e um para sua cama. Nenhum isqueiro ou fósforo.

Na segunda bolsa, encontrou mais comida. Arroz, feijão, soja, lentilha, farinha, sal, açúcar e até um pouco de café. Havia também alguns utensílios como pratos, copos e talheres,

todos metálicos. No fundo da bolsa haviam algumas barras de sabão e ela chorou de alívio, dois isqueiros e três caixinhas de fósforos.

Percebeu o quanto a sua vida estava ruim, quando chorou por causa de alguns fósforos. Secou as lágrimas e foi para o fogão. Achar os fósforos não foi a solução, as lenhas estavam úmidas e ela não tinha nada que pudesse ser usado para começar o fogo. As lágrimas tentaram sair novamente, mas ela as impediu e levantou-se.

Ela estava viva, saudável, tinha uma casa e comida. E também não estava completamente sozinha, tinha seu filho com ela. Sua vida podia estar muito pior.

Pegou o facão e do lado da fora encontrou alguns galhos secos que quebrou ou cortou para fazer alguns cavacos. Procurando no armário ela encontrou vasilhas com tampa, panelas e mais alguns utensílios de cozinha. Como alguns grãos estavam em sacos de papel, virou seu conteúdo em alguns potes e usou o saco de papel para começar o fogo.

Depois que o fogo estalava alto e aquecia a casa, Beatriz trouxe mais algumas braçadas de lenha e as empilhou na frente do fogão para secarem, arrumou as comidas e utensílios no armário da cozinha, as roupas no baú do quarto e os lençóis e cobertores na cama.

Precisava resolver outro problema. Ela poderia tomar banho com a água do mar, poderia lavar as louças e as roupas, embora não fosse o ideal, mas ela não poderia cozinhar ou beber a água do mar. Ela precisava encontrar água doce.

Com o facão na mão e a bolsa que a mãe a havia dado pendurada no ombro, com algumas vasilhas dentro e as garrafas de vidro vazias, ela fechou a porta da casa e saiu decidida para a floresta.

Conforme caminhava, ela marcava as árvores com uma setinha, apontando para o lado de onde ela havia vindo. Tentava sempre andar em linha reta, mas em uma floresta isso é praticamente impossível, ainda mais em uma tão fechada quanto aquela.

Por isso marcava as árvores, com medo de perder-se. Embora, se isso acontecesse, era só andar até achar a praia e voltar para o lugar onde Antenor parou o barco aquele dia. Ela nunca esqueceria da visão daquele lado da ilha, ficaria marcada para sempre em sua mente.

Ela encontrou muito mais do que somente água. Achou frutas, bananeiras, mangueiras, amoreiras, umas frutas grandes e verdes que ela desconfiou serem jacas e outras vermelhas com pontinhos pretos que ela não conhecia. Encheu a bolsa com bananas, mangas e algumas daquelas frutinhas vermelhas.

Alguns metros para o leste da cabana, encontrou um bambuzal fechado que seria muito útil para ela. Ela poderia fazer armadilhas para caçar pássaros ou pequenos animais, só precisaria achar algo para amarrar os bambus cortados.

Andando mais alguns metros, ela achou umas plantas com folhas longas e resistentes

que ela poderia usar para amarrar os bambus e para outros fins também.

Finalmente, depois de caminhar pelo que pensou serem duas horas, ela finalmente achou água. Primeiro ouviu um som de água batendo em pedra, depois sentiu o chão sob os seus pés afundando com a umidade e então notou as árvores mais vistosas e verdes e soube que a água estava perto.

Afastando alguns galhos, localizou um pequeno lago, com uma nascente formando uma pequena cascata em uma extremidade. Caiu de joelhos na beira do lago e tomou aquela água doce e gelada, sentindo que as coisas poderiam não ser tão ruins, afinal.

CAPÍTULO 13

Elas já deviam estar na metade do caminho quando Júlia parou. Ela não conseguia mais caminhar, correr ou sequer se arrastar.

Elas deviam ter seguido para a estrada, que pelo menos era uma descida. Subir era muito mais cansativo.

Stella também estava cansada, havia deixado os chinelos para trás, com as tiras estouradas. Seus pés estavam todos machucados.

— Vamos, levanta. Falta pouco.

— Eu não consigo mais.

— Nós temos que ir.

— Vai você, eu tento te alcançar. Eu acho que ele não está nos seguindo.

— Você nunca assistiu filme de terror? Quando as pessoas se separam, elas são pegas. Quando acham que estão seguras, elas são pegas. Quando acham que o assassino foi embora, elas são mortas.

— Isso não é um filme de terror.

— Sim, é a porra da vida real! E aqui, as coisas são piores!

As palavras de Stella surtiram algum efeito na amiga e ela encontrou forças para continuar caminhando. Até torcer o pé em uma pedra e cair no chão.

Stella correu até a amiga e a ajudou a levantar-se.

— Você está bem?

— Só virei o pé.

Mas ela percebeu que não tinha "só virado o pé" quando tentou apoiá-lo no chão novamente e quase gritou de dor, e a dor demoraria um tempo para passar. Stella passou um braço por sua axila e a ajudou a ficar em pé, tirando um pouco do peso do pé machucado.

Júlia olhou para a amiga com gratidão no rosto e as duas continuaram.

— Você ouviu isso? - Perguntou Stella depois de alguns metros.

— Não - Júlia só conseguia pensar na dor de seu pé e no paradeiro de seu irmão e Antônio.

Virando a cabeça rapidamente para trás, Stella o viu.

Suas roupas, com aspecto de velhas, sujas de areia e sangue. Molhadas nas barras das calças e mangas da camisa. Um saco de ráfia sujo cobrindo seu rosto, com apenas dois buracos para os olhos.

Ele caminhava lentamente na direção delas, despreocupado. Como se soubesse que elas não têm chance de escapar. Se ele estivesse sem o capuz de saco, Stella apostaria que poderia ver um sorriso terrível no seu rosto.

Stella deixou escapar um "droga" baixinho e começou a tentar correr, levando Júlia consigo, até que as duas avistam a casa de campo, algumas centenas de metros à frente. Mas o monstro também a viu e começou a caminhar mais rapidamente.

Tirando a chave do bolso, Júlia a pressionou na mão de Stella.

— É a menorzinha, o telefone fica na sala de estar. Tem um celular reserva na segunda gaveta da cozinha. Uma espingarda de caça no armário da despensa e um revólver no criado mudo do segundo quarto subindo a escada.

— Por que você está me falando isso?

— Por que você vai correr até lá e ligar para a polícia.

— Nós vamos até lá juntas.

— Ele está chegando perto. Nossa chance é você ir até lá, ligar para a polícia e pegar uma arma. Ele está longe ainda, dá tempo de você ligar e voltar.

As duas sabiam que era mentira, que não daria tempo de fazer isso. Mas as duas também sabiam que não havia outra escolha. Se aquele homem encapuzado fosse mesmo o Psicopata da praia, ele não mataria elas imediatamente. A polícia precisava saber onde eles estavam.

Stella abraçou rapidamente Júlia e correu.

Mas ela não fez o que Júlia mandou. Entrou na casa e correu escada acima. Ignorou a espingarda, pois não saberia nem como segurá-la. Entrou pela porta do segundo quarto e arrancou a gaveta do criado mudo, pegou o revólver e correu para fora da casa.

Júlia estava no mesmo lugar, porém de costas para ela, sentada no chão em uma posição estranha com as pernas e mãos juntas. O monstro não podia ser visto em lugar nenhum.

Stella correu até a amiga, que se mexia, como se tentasse se virar e não conseguisse. Chegando perto, Stella percebeu porque a amiga não conseguia se virar e estava naquela posição. Ela estava com as pernas e pulsos amarrados e com a boca amordaçada.

Júlia tentava falar, tentava avisar a amiga, relanceando os olhos para trás dela, jogando a cabeça, gemendo as palavras através da boca tampada com tecido, chorando. Mas de nada adiantou.

As lágrimas saltaram de seus olhos mais rapidamente quando o mesmo galho grosso que nocauteou Antônio acertou a cabeça de Stella. Era tudo uma armadilha. Stella revirou os olhos e caiu por cima de Júlia.

O monstro foi para trás da menina amarrada e ela soube que aquele galho também

acertaria sua cabeça. Mas as mãos do monstro vieram para sua garganta e apertaram, ela sentiu sua visão escurecer e não conseguia respirar, sentiu sua consciência se esvaindo para um lugar distante e escuro.

Júlia acordou algumas horas depois, não que ela soubesse quantas horas haviam se passado ou onde ela estava. Seus olhos estavam vendados com um pano molhado e escuro.

Tentou se mexer, mas percebeu que suas mãos estavam amarradas nas costas, suas pernas também. Tentou mexer o pescoço, mas a dor foi insuportável, se pudesse ver o próprio pescoço, ela poderia apostar que estava todo preto e inchado, com marca de dedos.

Sentiu algo se mexer ao seu lado e soltou um grito rouco, sua garganta doendo toda com essa ação.

— Júlia? - Perguntou Stella.

— Stella? Sou eu. – Respondeu a garota, percebendo que quem havia se mexido ao seu lado era sua amiga e colega de apartamento. Também percebeu que as duas estavam amarradas juntas.

— Mana? Stella? - A voz veio um pouco mais distante de Júlia, seu irmão estava amarrado a Stella, ela percebeu.

— Estamos aqui.

— Vocês estão bem?

— Estou com um dor de cabeça horrível e estou amarrada, vendada e com fome.

— Meu pescoço está horrível e meu pé dói um pouco, mas não tenho nenhum outro machucado. E você?

— Dor de cabeça também, devo estar com um corte gigante na cabeça. - Respondeu Lucas.

— Antônio? Cadê o Antônio? - Perguntou Stella.

— Não está do meu lado. – Falou Júlia, mexendo o braço esquerdo, que não estava amarrado à Stella.

— Nem do meu. – Falou Lucas, o desespero em sua voz.

— Será que ele...? - Júlia não conseguiu terminar a pergunta e as lágrimas imediatamente vieram aos seus olhos.

— Não, não pode ser - Júlia percebeu, pela voz de Stella, que ela também se segurava para não chorar.

— Ele deve estar bem.

As palavras de Lucas não serviram muito de consolo para as duas meninas. Mas o grito que elas ouviram, sim

— Me solte, seu desgraçado! - A voz de Antônio viajou até elas, como se abafada por paredes e alguns metros distante. Os três ficaram em silêncio enquanto esperavam para ver se Antônio falava mais alguma coisa.

Uma porta foi aberta, uma corrente de ar frio passou, trazendo um cheiro de mofo e folhas apodrecendo, característico de uma floresta. Nenhuma claridade atingiu as vendas, então eles concluíram que já era noite.

Passos pesados soaram em um chão de madeira, se aproximando deles, e arrastando algo que grunhia e se debatia.

Júlia gritou, quando mãos tocaram seu braço, puxando as cordas que a amarravam. Sentiu outro braço tocando o seu e sendo amarrado junto.

Lucas tentou soltar-se, debatendo-se contra as cordas, mas gritou, quando sentiu pequenos espinhos de metal rasgando seu braço, perto do cotovelo. Stella gritou também, pelo pânico de ouvir seus amigos gritarem e não ser capaz de ver o que estava acontecendo, gritou pelo medo do que iria acontecer, gritou pelo desespero da situação em que estavam.

Os gritos de Antônio eram abafados, os amigos perceberam que além de vendado, ele estava amordaçado.

Os passos se afastaram e a porta bateu, fechando-se com um baque definitivo.

Depois de um tempo calados, com medo de que o monstro voltasse, Lucas foi o primeiro a falar.

— Antônio?

Um gemido abafado foi tudo o que foi ouvido, muito parecido com um sim. A mordaça de Antônio estava frouxa, mexendo a boca e empurrando com a língua, ele conseguiu tirá-la para poder falar.

— Estou aqui. Vocês estão bem? Estão todos aqui?

— Estamos todos aqui e bem, apesar de tudo, apesar da fome. – Respondeu Stella. Antônio revirou os olhos, Stella sempre pensava em comida.

— E você está bem? - Perguntou Júlia, preocupada.

— Só tenho um corte na cabeça e um olho roxo, pelo menos eu acho que está roxo.

— Por que eu sinto um sorriso na sua voz? - Perguntou Lucas, e Júlia concordou, pois, a voz de Antônio havia adquirido um tom laranja brilhante na sua mente.

— Eu dei algum trabalho para aquele filho da mãe. Acordei quando ele estava me carregando. Consegui me soltar e fugi.

— Como ele te pegou de novo? - Perguntou Stella.

— Eu não estava vendado, mas estamos em uma floresta fechada. Ele deve a conhecer muito bem, porque depois de um tempo correndo, ele simplesmente apareceu na minha frente.

— Ou ele não é humano. – Falou Stella.

— Ah, ele é bem humano. Senti isso quando dei um chute nele e o derrubei. Mas quando passei correndo por ele, ele pegou minha perna e eu bati o rosto em uma pedra e fiquei tonto.

— Então ele te arrastou. – Afirmou Lucas.

— Sim. Mas não antes de eu ver onde nós estamos.

— E onde nós estamos? - Perguntou Júlia, com medo da resposta.

— Eu acho, não tenho certeza, não consegui ver tudo. Mas eu acho que estamos em uma ilha.

Outubro de 1973

Ela já estava com mais de oito meses, a barriga havia crescido muito nas últimas semanas, deixando-a pesada e lenta.

Mas ela já havia se preparado para isso. Todos os dias, enquanto ainda era capaz, ela rachou lenha, empilhando-a dentro da casa ao lado do fogão. Ela cortava as árvores mais finas que achava para facilitar seu trabalho e ser mais rápida. Foi necessário empilhar os escassos móveis em um canto, para ter espaço para comportar toda a lenha que ela havia cortado.

Ela também havia esquematizado uma tubulação para trazer água do lago até a casa. Escolhendo os bambus mais grossos, cortou-os pela metade e limpou bem o interior, tirando os gominhos e qualquer farpa que pudesse ser levada pela água. Deixou os bambus cortados secarem ao sol e fincou estacas feitas com galhos de árvores que terminavam em forquilha. A nascente em cascata ficava a cerca de 300 metros da casa, pela quantidade de passos que ela dava indo até lá, ela supôs. E todos esses trezentos metros foram ocupados por estacas e bambus cortados, um sobre o outro. A água caía da cascata direto no primeiro bambu e escoava para o segundo, e assim por diante até chegar a uma vasilha grande que Beatriz deixava enchendo embaixo do último bambu da linha.

Antes de utilizar a água, ela a filtrava com um pano e a fervia no fogão.

Desde que ela havia instalado sua tubulação improvisada, no segundo mês na ilha, ela já havia trocado todos os bambus uma vez para evitar que apodrecessem e por quatro vezes a linha foi derrubada por ventos ou animais que passavam por ela. Beatriz esperava que isso não acontecesse agora, que ela não conseguia caminhar mais que 100 metros e muito menos carregar muito peso. Mas ela tinha algumas vasilhas com água armazenada e algumas vasilhas separadas para recolher a água da chuva também. Chovia bastante na ilha.

Ela também havia instalado armadilhas por todo lado a um raio de cerca de 150 metros da casa. Armadilhas feitas de bambu seco e amarradas com tiras da folhagem que ela havia encontrado no meio das árvores. Nas armadilhas ela pegava pássaros e pequenos animais da floresta. No começo ela teve pena e não conseguia matá-los, mas conforme as comidas que o pai mandou se escassearam rapidamente, ela se obrigou a passar sobre o dó e torcer o pescoço de esquilos, lebres e diversos pássaros.

Mas ela não precisava se preocupar com a comida.

Uma vez por mês, uma bolsa era deixada na praia. Ela nunca via quem a deixava, nunca era no mesmo dia, mesmo que ela contasse os dias e tentasse estipular o intervalo de tempo entre as bolsas, ela nunca acertou. Mas ela imaginava que fosse Antenor. A bolsa

sempre vinha pesada pela quantidade de comida que havia dentro, geralmente grãos, mas as vezes vinham queijos, salames, carnes assadas, óleo, temperos, frutas e alguns legumes. Algumas vezes vieram outras coisas úteis também, como mais fósforos, mais roupas, sabão, óleo e outras coisas úteis.

Das coisas que chegavam para ela, ela comia apenas os que estragariam mais rapidamente e comia suas caças e as frutas que a ilha fornecia. O resto ela guardava nos armários, organizados por data, para os mais velhos serem consumidos primeiro.

Na primeira vez que a bolsa chegou, ela quase chorou novamente, mas seu coração já estava endurecendo pelo tempo passado na ilha sozinha e ela não chorava mais tanto, apenas raramente. A mãe havia mandado alguns dos seus brinquedos, havia o Ursinho Sol, uma boneca chamada Leona e um cavalinho de madeira chamado Lua, o nome de sua égua era devido ao cavalinho de madeira. A saudade da mãe e da sua égua bateu forte no peito e ela se ajoelhou na areia abraçada nas lembranças de sua infância.

Junto aos brinquedos, havia uma carta curta da mãe dobrada várias vezes e enfiada no meio das roupas da boneca. A carta caiu quando ela soltou os brinquedos do abraço e ali mesmo na praia ela leu a carta da mãe.

"Filha,

Sei que não fui uma boa mãe para você, mas gostaria, através dessa carta, pedir o seu perdão. Eu queria ter feito mais, passado mais tempo com você e agora me arrependo. Por favor, me perdoe.

Saiba que tentei de tudo para ser levada junto com essa bolsa, se pudesse entrar nela, entraria, mas ele não deixou. Mas sempre cuidarei de você de longe, mesmo que seja só preparando estas bolsas, enquanto eu viver.

Ele deixou apenas que eu escrevesse essa carta, fiquei com medo de que ele lesse o que falarei aqui, mas eu tinha que arriscar. Sinto que falhei com você mais uma vez ao guardar esse segredo por tanto tempo. Mas você é tão nova e já vai ser mãe, está na hora de você saber de tudo.

Você não é filha de Lúcio.

Seu verdadeiro pai, foi meu verdadeiro amor. Eu fui obrigada a casar com Lúcio, por meus pais, mas eu já carregava o filho de um amigo de meu irmão em meu ventre. Fomos muito apaixonados, como você e seu Geovane, pelo curto tempo que passamos juntos e ainda o amo até hoje, pois amo você. Peço perdão por tentar te obrigar a casar-se com aquele ogro, mas eu fui obrigada a te obrigar, assim como sou obrigada a ficar longe da minha única filha, minha única memória do meu amor e do meu neto (ou neta) que está por vir.

Sei que você é esperta e sei que você vai sobreviver a isso, mas mesmo sabendo disso, não irei parar de tentar com todas as minhas forças, encontrar uma forma de tirar você daí. E

se isso eu não conseguir, tentarei ir até você.

Novamente, peço seu perdão. Por tudo.

Espero que estejam bem,

Com todo o amor que nunca fui capaz de demonstrar,

Sua mãe, Leonora."

Na primeira vez que ela leu a carta, quando ela achou que não era mais capaz de chorar, ela chorou. Agora, lendo a carta pela enésima vez, ela sentiu uma alegria maravilhosa por saber que não era filha daquele homem horrível. Ela já havia perdoado a mãe há muito tempo.

Outras cartas da mãe haviam chegado, contando que estava bem e que o pai não havia mais feito nada para ela. Beatriz queria escrever para a mãe, contando que estava bem, mas não tinha papel ou caneta para isso. E nem sabia como faria a carta chegar até a mãe.

Ela estava preparando um caldo com a carne do último coelho que havia caçado nos últimos dias, antes de desarmar quase todas as armadilhas, quando sentiu as primeiras contrações e quase caiu. Apoiou-se na parede da cabana até que as contrações passaram.

Nas últimas cartas a mãe explicou como seria quando o dia chegasse, as contrações, a bolsa estourando. Explicou o que ela deveria fazer e que ela deveria ser forte. Ela achava que estava preparada para a dor, mas quando a segunda contração veio, ela soube que nunca estaria preparada para aquilo. Mulher nenhuma estaria.

Nos últimos dias, ela havia avaliado as condições da linha de água e desarmado quase todas as armadilhas, deixando apenas as duas mais próximas da casa. Após o parto, quando estivesse bem novamente, ela armaria novamente. Por enquanto comeria as comidas que ela havia guardado tanto tempo.

No momento, quando o sol estava apenas nascendo, já havia feijão fervendo no fogão, e o ar da casa já estava saturado com o calor do fogo que ela não apagava nos últimos dias, com medo que não conseguisse acendê-lo novamente.

Quando a segunda contração passou, ela ouviu um som que a assustou nas primeiras vezes que ouviu e a deu esperança nas outras vezes, quando ela percebeu do que se tratava. Era a buzina de um barco.

Todas as vezes que ouviu a buzina, quando chegou à praia, não viu nenhum barco à vista. Mas todas as vezes havia uma mochila esperando por ela.

Ela sabia que esta vez não seria diferente. E também sabia que se deixasse a mochila na praia, todas as comidas estragariam e a mochila podia até ser levada pelo mar, quando a maré subisse. Esperando um tempo, sem sentir nenhuma nova contração, Beatriz pegou uma bolsa,

juntou alguns panos e uma colcha, além de uma faca que ela havia desinfetado no fogo e enrolou em um pano branco limpo, colocando tudo na bolsa.

Segurando a barriga com uma mão e a bolsa com a outra, ela saiu decidida, mas caminhando lentamente e com todo o cuidado. Levou o triplo do tempo que normalmente levava para chegar à praia, onde uma mochila comum de pano a esperava, recheada com comida e talvez algo mais.

Ela nem se deu o trabalho de olhar o que havia na mochila, não havia sofrido mais nenhuma contração no caminho, mas preferia chegar o quanto antes na casa e deitar-se um pouco. Estava exausta e com dor nos joelhos e tornozelos.

Quando entrou na floresta, para voltar para casa, sentiu um líquido quente escorrendo por suas pernas, e ela soube que a hora havia chegado. Sofreu uma violenta contração que a fez gritar e cair de joelhos no chão.

Beatriz conseguiu arrastar-se até perto de uma árvore grande, tirou a colcha da bolsa e a espalhou no chão na base da árvore, colocou a bolsa com os panos e a faca ao lado e deitou-se encostada na árvore.

E ali, quando o sol já ia se pondo, gritando, sangrando e sofrendo, agarrada às raízes da árvore, Beatriz trouxe seu filho ao mundo.

Já haviam se passado três dias desde que eles foram capturados. Eles sabiam disso, pois, o homem havia trazido água para eles duas vezes até agora, e nas duas vezes era noite do lado de fora e um tempo considerável havia se passado entre uma vez e outra.

A água vinha em um copo metálico grande, apenas um copo para os quatro, e a água era levemente amarronzada. Mas o único que viu isso foi Antônio.

O homem com o rosto coberto trazia o copo e o colocava na frente do garoto, desamarrava uma de suas mãos e tirava sua venda. Na primeira vez que ele veio, no segundo dia, Antônio ficou com medo que ele fizesse algo por causa da mordaca arrancada, mas ele nada fez. Apenas colocou o copo na frente do garoto, retirou a venda e desamarrou a mão esquerda de Antônio.

A primeira coisa que Antônio fez foi olhar ao redor, eles estavam em uma sala sem mobília nenhuma, apenas dois pilares de madeira, de aparência forte, que iam até o teto simples de telhas. Havia uma porta e uma janela. A porta ficava o mais distante possível deles, mas a janela estava diretamente atrás deles, lacrada com tábuas e panos escuros. Antônio sabia que os panos eram mais para confundi-los, para que não vissem quando era dia e quando era noite e ficassem perdidos no tempo, do que para esconder o que acontecia ali dentro.

Então Antônio olhou para a pessoa a sua frente, vestindo uma calça de tecido rasgada em diversos pontos e manchada de terra, e uma camisa jeans em mesmo estado, com manchas suspeitas por toda ela. Manchas vermelhas e amarronzadas, como sangue seco. E o saco de ráfia escondendo o rosto, apenas mostrando olhos azuis por trás dos buracos. O que Antônio viu naqueles olhos foi muito mais que crueldade, foi mais como um sentimento de vingança fria, não maldade exatamente, como ele esperava.

Com uma faca de caça enorme na mão, o monstro apontou o copo para Antônio e para os colegas. A mensagem foi clara, apesar da falta de palavras. Beba e dê para os outros beberem.

Antônio obedeceu, tomou um gole pequeno e com todo o cuidado arrastou-se até os amigos que estavam em silêncio. Para chegar até Lucas, que ele viu, estava amarrado a um pilar de madeira com arames farpados e cordas, ele teve que arrastar Júlia e Stella junto.

Os três amigos estavam sujos, vendados e machucados. Lucas tinha rastros de sangue seco na parte de trás da camiseta e nos braços, onde o arame farpado havia se enterrado no braço. Antônio entendeu o uso do arame farpado, Lucas era forte, muito mais forte que ele, e poderia conseguir se soltar apenas com cordas prendendo-o. Com o arame farpado, quanto mais ele forçasse, mais o arame se enterraria em sua carne. Antônio deu um gole do copo para o amigo, que tomou ávido a água.

Então Antônio voltou-se para Stella, não viu sangue nela, mas seus cabelos estavam

todos espantados e sujos e suas unhas quebradas. Deu um gole maior para ela e para Júlia. Quando seus olhos caíram em Júlia, ele arfou. O pescoço dela estava com diversos tons de hematoma, preto, roxo e amarelo. Os hematomas formavam uma mão em seu pescoço, que estava inchado. Havia uma trilha de lágrimas em seu rosto.

Ela tomou com dificuldade a água, enquanto um sentimento de raiva crescia no peito de Antônio, vendo tudo que os amigos já haviam sofrido. Maior que o medo e o desespero, a raiva cresceu, dando-o coragem.

Mesmo com as pernas amarradas, ele girou e atingiu o homem com as duas pernas. Derrubando-o com tudo no chão da cabana. As amigas gritaram com o estrondo que o corpo grande fez ao cair no chão de madeira. Antônio imediatamente se virou e tentou chutar a cabeça do homem.

Mas quando conseguiu se virar, ele não estava mais no chão, já estava de pé na sua frente. Com um rosnado, o homem pegou Antônio pelos cabelos e o puxou para trás e amarrou suas mãos novamente.

Mas ele não havia acabado. Com toda a força, o homem encapuzado pisou na mão de Antônio, que sentiu a dor imediatamente, ao mesmo tempo em que gritava impropérios para o monstro.

— Você faz, eles paga. — Ouvir a voz da pessoa que os prendia e torturava pela primeira vez, foi como ouvir a voz da morte. Um calafrio percorreu a espinha dos quatro e lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Júlia novamente. Uma voz grave e seca, quase um rosnado, lembrando um predador rugindo sobre o corpo morto de sua presa.

A venda de Antônio não foi colocada novamente no lugar e ele viu tudo, e soube que foi proposital. Parado na frente de Stella, o monstro pegou a faca de caça e a aproximou do rosto da garota. O coração de Antônio perdeu um compasso, pensando que ele ia matar a amiga.

— Não! - Gritou.

A faca desceu, mas apenas raspou no rosto de Stella, um corte reto apareceu na bochecha da garota e o seu grito de dor preencheu o espaço vazio da sala, rebatendo nas paredes. Antônio não aguentou olhar quando a faca desceu uma segunda vez.

Ele só conseguia repetir: "me perdoe" e "sinto muito". A dor por ter causado aquilo à amiga apertando o seu peito e fazendo o chorar.

Agora, na segunda vez que a água vinha, Antônio se comportou como o homem queria. Deu a água aos amigos, reparando em seus machucados novos e sentindo sua raiva aumentar, mas ele não fez nada.

Viu o braço de Lucas, com o arame mais enterrado e mais sangue escorrido, e soube que ele havia forçado no dia anterior, mesmo com a dor, quando Stella foi torturada. Viu o pescoço de Júlia, mais inchado e o rosto sujo, com caminhos de lágrimas secas.

E viu Stella, como o lado direito do rosto todo manchado de sangue e os cortes finos feitos pela faca, formando um desenho que ele não conseguiu discernir. Aquilo era culpa dele, ele sabia. Mesmo que ele estivesse tentando se soltar, para soltar os amigos, ele era culpado por aquilo.

E ele havia pedido perdão, falado o quanto sentia, até ficar sem voz. Os amigos falaram que não era sua culpa, que a culpa era daquele sádico que os havia pegado sem motivo e os estava torturando, Stella falou que o perdoava. Os amigos até o agradeceram por tentar salvá-los, por lutar por eles. Mas nada mudava o que Antônio sentia.

E ele se sentia uma pessoa horrível. Agora tudo para que ele torcia era não ser ele que escolhesse quem deveria morrer, ele queria ser o escolhido parar morrer. E ele sabia que os amigos o escolheriam, ele tinha certeza. E sim, ele sabia que cedo ou tarde o monstro pegaria um deles e o faria escolher um dos amigos para morrer. Psicopatas nunca mudavam seus padrões, seu pai sempre falava isso.

No quarto dia, quando tudo que se escutava eram suas respirações fracas, o choro ocasional de Stella e Júlia e o ronco de quatro estômagos vazios, a porta da sala se abriu novamente. Trazendo consigo um aroma de carne assada. Os estômagos roncaram mais ainda.

Desta vez, o baque metálico do copo foi acompanhado por outro baque metálico um pouco mais pesado. Quando a venda de Antônio foi retirada, ele viu um prato com alguns pedaços de carne malpassados e algumas frutas.

O homem desamarrou a mão de Antônio e indicou o copo e o prato. Antônio primeiro afastou o copo alguns centímetros, para que ao se arrastar, não batesse acidentalmente no copo e derrubasse a água tão escassa.

Pegando um pedaço de carne do prato, o garoto tentou identificar do que era. Não conseguindo identificar, ele agradeceu que as amigas estivessem vendadas, pois a carne não tinha um aspecto muito bonito, era branca e parecia meio gelatinosa. Mas a fome era tanta que ele arrancou um pedaço com os dentes e mastigou ruidosamente.

Apesar do aspecto e da falta de temperos, a carne não era de todo ruim. Ou a fome era tanta que ele nem sentiu o gosto.

Depois de arrancar um pedaço, ele aproximou a carne do rosto de Júlia e sussurrou:

— Ele trouxe comida, apenas comam. Vou dar um pedaço para cada um.

Os amigos assentiram com a cabeça, confiando na palavra de Antônio. Júlia abriu a boca quando Antônio a tocou e arrancou um pedaço da carne com dificuldade. Então ele fez o mesmo com Lucas, dando o último pedaço da carne para Stella, para que ela não precisasse fazer muita força e não sentisse muita dor em seus machucados no rosto.

Fez o mesmo com os demais pedaços de carne e com as frutas, que na verdade eram

pequenas mangas. As mangas ainda estavam com a casca, mas eles comeram mesmo assim. A polpa era tão doce e succulenta que logo o gosto ruim e amargo da casca era esquecido. Antônio comeu e deu a seus amigos primeiro a casca, para tirar o gosto ruim da boca quando só houvesse a polpa amarela.

Em seguida deu a água e voltou para seu lugar, esperando para ser amarrado novamente.

Quando o monstro saiu, os quatro suspiraram de alívio e um pouco de satisfação por terem comido. Apesar de pouca, a comida foi o suficiente para acalmar os ânimos deles e de seus estômagos.

CAPÍTULO 16

Fevereiro de 1974

Já faziam quatro meses que seu filho havia nascido. Beatriz havia improvisado uma bolsa para que pudesse continuar fazendo seus afazeres e nunca sair de perto do seu bebê. Com alguns panos amarrados, ela formou uma espécie de rede no seu peito, onde ela colocava o filho e ele dormia encostado nela. Quando ele sentia fome, ela apenas afastava a blusa e ele podia mamar ali mesmo.

E ele mamava. Seus seios estavam machucados de tanto que passavam na boca do menino, sendo sugados. No primeiro mês, ela ficou com medo que seu leite não fosse suficiente para o crescimento saudável do filho, então começou a alimentar-se melhor.

Como se pressentindo que o neto havia nascido, a mãe mandou uma mochila extra naquele mês, com roupinhas feitas à mão, cobertores, mais alguns brinquedinhos, mamadeiras e, Beatriz quase chorou ao ver, seis latas de leite em pó no fundo da bolsa.

Ela estava preocupada com o que aconteceria se seu leite secasse antes do tempo, ou fosse insuficiente. Vendo aquilo, soube que sua mãe não deixaria nada de ruim acontecer com ela e seu filho.

Fosse porque ela queria ou porque era mesmo, Beatriz achava o filho muito parecido com seu Geovane. Conforme ele crescia, mais parecido parecia ficar, com os mesmos olhos azuis e cabelos negros como a noite. Ela olhava para o filho e lembrava de tudo que haviam passado juntos.

Ocupada com o filho, Beatriz parou com suas explorações na ilha e ficou apenas na área entre a nascente e a praia, cuidando das armadilhas e da tubulação de bambus, e sempre cortando lenha.

Conforme o filho ia crescendo, ela ia ensinando tudo que ele precisava saber para sobreviver na ilha. Também tentava ensiná-lo a ler e escrever, embora não tivesse tanto sucesso com a última parte. Beatriz ficava admirada em como o filho aprendia rápido a fazer armadilhas, acender o fogo, a achar o caminho de volta para a casa e não conseguia aprender a ler ou escrever simples palavras.

Julho de 1982

Ela estava doente.

Beatriz sentia a doença se espalhando pelo seu corpo, levando a dor a todas as partes, a tosse arranhando sua garganta e a ânsia a impedindo de comer qualquer coisa.

Seu bebê já não era mais um bebê, já estava com oito anos e com um corpo saudável e forte, muito parecido com o pai. Ele fazia quase todas as tarefas da casa, enquanto ela nem conseguia levantar da cama.

Sentia-se exausta e esgotada, sem forças para continuar vivendo. Mas ela ainda tinha uma tarefa antes de partir dessa vida.

Ela nunca fora capaz de explicar para o filho o porquê dos dois estarem confinados naquela ilha, que apesar de agradável, era o inferno particular deles. Nunca havia falado sobre o mundo fora da ilha e todas as coisas que ele perdia por estar ali, sem possibilidade de sair.

Mas ela sabia que deveria fazer isso antes que suas forças acabassem, então ela o chamou e antes que o sol terminasse de se pôr, ela havia contado tudo.

E com seu último fôlego, ela o abraçou e deixou o mundo falando o nome que havia escolhido para o filho pela última vez, um nome muito parecido com o do pai, praticamente igual, como o filho o era:

— Eu te amo, meu Geovani.

CAPÍTULO 17

Eles finalmente estavam voltando a se falar normalmente, o episódio da faca quase esquecido. Já haviam se passado oito dias pelas contas deles. O homem vinha toda noite com a água e uma noite sim, uma não ele trazia comida. Nem sempre havia carne, mas sempre haviam mangas. Em uma noite ele trouxe umas amoras azedas e algumas frutinhas vermelhas que Antônio não conhecia. Eles comiam tudo.

Mesmo assim, eles estavam sempre com sede e com fome. Nos primeiros dias eles haviam gritado incessantemente para o monstro que precisavam ir ao banheiro. Mas ele nem ouvia seus apelos. E agora, o fedor de urina e fezes impregnava a sala.

Eles haviam conseguido, se ajudando, se afastar um pouco para trás quando precisavam fazer suas necessidades. Ajudavam-se também a abaixar as calças e ergue-las de novo. Era uma tarefa difícil, mas depois de muito sofrer eles acabaram conseguindo.

O mais difícil era Lucas, devido ao seu braço amarrado com arame farpado. Duas noites antes, sem que o psicopata visse, Antônio havia conseguido afrouxar o arame enquanto Lucas comia. Agora o braço de Lucas estava um pouco mais livre, mas mesmo assim ele poderia voltar a se furar se não tomasse cuidado.

Mesmo que se afastassem para fazer as necessidades, eles ainda estavam fedendo muito. Estavam a dias sem tomar banho e não conseguiam limpar-se depois de utilizar seu banheiro improvisado. Pelo menos todos estavam cheirando igual e o cheiro estava em todo lugar.

— Como você foi capturado, afinal? - Perguntou Antônio a Lucas. Eles haviam conversado direto os últimos dias. Sobre os lugares que Júlia visitou, sobre o trabalho de Lucas, sobre a amizade de Stella e Antônio, sobre o namoro de Stella e Lucas, como começou. Mas ainda não haviam falado sobre o que estava acontecendo e havia acontecido até agora, no presente, apenas assuntos que poderiam distraí-los da realidade.

— Eu havia saído para mijar e quando estava quase terminando vi um cara me olhando.

— E o que você fez? - Perguntou Stella, virando os olhos para a expressão que o namorado usou.

— Eu não consegui ver quem era. Então fui atrás.

— Ele não estava com o saco na cabeça? - Perguntou Júlia.

— Não, eu teria achado estranho se ele estivesse usando. Não ia ir correndo atrás.

— E como é o rosto dele? - Perguntou Antônio.

— Eu falei que não consegui ver quem era, eu não vi o rosto.

— Continue contando. Você correu atrás dele e...? - Falou Stella impaciente.

— Ele estava me esperando atrás de uma árvore, colocou o pé para eu tropeçar quando passei. Eu caí, e quando fui me erguer do chão, ele deve ter me acertado na cabeça com alguma coisa, só acordei aqui.

— Foi um galho. O que te acertou. Me acertou também, e em Antônio. - Falou Stella.

Depois de um tempo em silêncio, Júlia fez a pergunta que todos estavam se enrolando para fazer:

— O que vocês acham que ele vai fazer conosco?

Se estivessem sem as vendas, eles teriam visto nos olhos um do outro a certeza do que aquele monstro ia fazer com eles. Todos eles sabiam que eles estavam nas mãos do Monstro do Saco. E logo eles teriam uma escolha. Só restava saber quem teria o direito à escolha e qual seria o seu escolhido.

— Prefiro não pensar nisso. – Falou Stella, sua voz tremendo.

— Nós temos que pensar nisso. – Enfureceu-se Lucas.

— Me escolham. Se não for eu, me escolham. – Falou Antônio.

— Não. Vocês vão me escolher. Eu que nos meti nessa burrada. – Falou Lucas.

— Quem nos meteu nisso fui eu, eu que pedi e insisti para virmos acampar. Eu devo ser a escolhida. – Falou Stella.

— Eu é que devo ser escolhida. Todos vocês têm emprego, tem amigos. Eu não tenho nada disso.

— Você não tem amigos? E nós somos o que? - Falou Stella indignada.

— E você tem uma exposição marcada! Não pode perdê-la. – Completou Lucas.

Antônio, não querendo falar o que estava em sua mente, apenas apertou a mão da garota que estava amarrada na sua, sinalizando: eu estou aqui para você.

— Talvez nem tenhamos que escolher. Eu consegui falar com meu pai e, – se aproximando dos amigos, Antônio passou a sussurrar, – eu não quis falar antes, por medo que ele ouvisse. Eu consegui deixar a ligação ativa, escondi o celular na areia quando cai. Eles podem ter localizado o celular.

— Mas Antônio, não quero te desanimar, você não disse que estamos em uma ilha? O celular ficou lá na praia. – Falou Stella, no mesmo tom de voz.

— Sim, eu acho que estamos em uma ilha, mas pode ser apenas outra praia deserta, até a mesma em que estávamos, só mais distante. E se eles acharem o celular, eles vão procurar a partir daí, na região. Eu tenho esperança que meu pai perceba que podemos estar em uma ilha. Meu pai nunca desiste de um caso.

— Ainda mais se esse caso envolver o filho dele, certo? - Falou Lucas.

Antônio apenas concordou, balançando a cabeça, enquanto sua esperança crescia. Ele

sabia que o pai dele era capaz e ele sentia, seu pai ia encontrá-los.

— Vamos fazer uma promessa? - Perguntou Júlia.

— Que tipo de promessa? - Questionou Antônio.

— Vamos prometer que, independentemente de quem tiver que escolher, essa pessoa vai escolher um dos outros. Eu sei que pode ser cruel, mas os outros podem viver ainda.

— Como sabemos que ele não vai matar todos da mesma forma? - Perguntou Lucas.

— Um psicopata nunca faz algo muito diferente e ele segue suas regras. Na maioria das vezes. – Respondeu Antônio automaticamente.

— Outra coisa, não importa quem for escolhido para morrer, a pessoa que escolher não pode ser culpada. – Falou Stella.

— Todos prometem? - Falou Júlia.

E todos prometeram, selando seu destino. Se fosse lhes dada a escolha, apenas um morreria. E essa escolha seria dada em breve.

César já estava quase desistindo, o desespero de fracassar e o seu fracasso custar a vida do filho e mais três pessoas pesava em sua mente. Mas ele nunca desistia facilmente. Ele ia encontrar o filho, ia salvar ele e os amigos e acabar com aquele monstro que rondava por ali.

Já haviam se passado quase 8 dias completos desde o telefonema desesperado de Antônio e ele não haviam encontrado nenhuma pista. As áreas de busca haviam começado pequenas e foram aumentando dia-a-dia a partir da praia na qual ele se encontrava agora, se espalhando para as regiões e praias vizinhas.

A praia onde as coisas de seu filho, dos amigos e das outras vítimas do assassino haviam sido deixadas para serem esquecidas pelo tempo. É claro que essas coisas não estavam mais ali, haviam sido levadas pela polícia para serem examinadas e depois devolvidas às famílias.

Nenhuma busca havia resultado em nada. Nada.

Então César olhou para o mar, o horizonte ao longe, as suaves ondas naquela tarde sem vento.

Ele estava no ponto onde haviam encontrado o celular do filho. Ele o havia ensinado bem, pensou César. O filho havia escondido um celular e deixado cair outro sobre a grande pedra ao lado.

César podia imaginar a cena, Antônio deve ter precisado subir na pedra para ligar, sabia que ia ficar em posição vulnerável ali em cima, então pediu outro celular emprestado, provavelmente à Stella. Quando subiu na pedra, já deve ter deixado o seu celular na pedra,

para que se o sequestrador aparecesse, pensasse que era aquele o celular que ele estava utilizando para falar. Enquanto o sequestrador se preocupava com o outro celular, ele esconderia o celular de Stella com a chamada ativa.

Um celular rosa, presumidamente de Stella, havia sido encontrado enterrado na areia, e outro, o de Antônio em cima da pedra, em pedaços. Presumidamente, pois os pais dela não conseguiram reconhecê-lo, mas achavam que era o dela, e nenhum outro celular foi encontrado por perto.

César olhou para a pedra e olhou para o mar. Em segundos, já estava em cima do mineral gigante, olhando o horizonte.

— O que você está fazendo aí em cima? - Perguntou Marcos, seu parceiro.

— Olhando uma coisa muito incrível.

— O quê?

— Eu acho que estamos procurando no lugar errado.

— Como assim?

— Suba aqui e me diga o que você vê.

— Não vejo nada de especial... - Falou Marcos, ao lado do parceiro, no topo da pedra.

— O que todos esses casos têm em comum, Marcos?

— Além de apontarem para a mesma pessoa? Ou melhor, monstro?

— Além disso. Onde todas as pessoas estavam antes de serem levadas?

— Perto do mar, mas o que isso muda?

— Muda tudo. O que tem no mar?

Marcos parou um pouco e pensou. Ou o colega estava delirando, sorriso maníaco no rosto ele já tinha naquele momento, ou ele tinha descoberto algo muito importante. Então o olhar de Marcos se dirigiu para onde o colega apontava.

— Ilhas. O mar tem ilhas, Marcos.

Agosto de 1993

Depois de anos, ele havia dormido novamente sobre o túmulo da mãe.

Nos primeiros dias após a morte da mãe, ele não havia mexido nela, deixando-a deitada na cama onde havia morrido. Até que a pele da mãe começou a ficar preta e moscas começaram a pousar no cadáver.

Então ele lembrou que sua mãe havia lhe mostrado um lugar no outro lado da ilha um tempo antes de o deixar e dito que quando ela se fosse, ele deveria cavar um buraco e a enterrar lá. Ela o mostrou o local exato onde ele deveria fazer o buraco, e assim ele o fez.

Carregou a mãe, a única outra pessoa que havia conhecido na vida, a única pessoa que havia amado, por toda a ilha até chegar ao local escolhido.

Acordando agora, com o sol nascendo e jogando sua luz sobre o seu rosto sujo, Geovani olhou ao redor. Viu as flores que formavam uma espécie de coroa ao redor do túmulo da mãe. Flores brancas e lilás, as cores preferidas da mãe e as dele também.

O local de descanso final da mãe dele ficava em uma parte mais elevada, de onde dava para ver toda a ilha, inclusive o telhado da casa em que moravam, outras ilhas vizinhas um pouco distantes e o mar, mar para todo lado que se olhasse.

Geovani passava horas ali, quase todos os dias, ao lado da mãe, olhando o mar e imaginando o que havia depois dele.

Normalmente ele não via nada, além de água azul e agitada. Mas hoje ele viu, um barco vinha veloz na direção da ilha. E Geovani soube o que era, ou melhor, o que aquele barco trazia para ele.

As mochilas nunca pararam de chegar, mesmo com a morte da mãe. Ela havia explicado que a mãe dela, avó dele, as mandava. Ele nunca havia se importado muito com isso. As mochilas apareciam, ele ouvia a buzina e ia até a praia buscar as comidas e as vezes algum utensílio que facilitaria sua vida.

Mas hoje ele se importou, pois, além da mochila, aquele barco trazia com ele uma oportunidade, uma que ele não ia desperdiçar.

Correu até a casa e pegou a faca de caça que sua mãe, e agora ele, usavam para matar os animais pegos nas armadilhas e um ou outra cobra que raramente apareciam. Pegou também uma ferramenta que ele não sabia como chamar, mas que a mãe chamaria de rudimentar, apesar de ele não saber o que essa palavra significa.

Era um galho reto de uma árvore que ele havia secado ao sol e amarrado uma pedra

afiada na ponta.

Munido de suas duas armas ele correu para a praia e esperou, logo o barco chegaria e ele pegaria muito mais do que apenas a mochila.

O barco parou de soco quando encontrou a areia da praia, Geovani nunca havia visto nada parecido com aquilo, sabia o que era apenas pelas palavras da mãe. Parecia uma mini casa em cima de uma bacia em formato diferente. Geovani não conseguia entender como aquilo boiava sobre o mar e muito menos como funcionava. Mas ele descobriria.

Um homem desceu do barco, balançando o levemente, e estendeu os braços para uma mulher que continuava no barco. A mulher estendeu uma bolsa para o homem, que a pegou com certo esforço, e voltou para dentro da casa do barco. Dessa vez não era uma bolsa de pano, ou mochila como as outras vezes, mas sim, uma bolsa de ráfia marrom.

Geovani observou enquanto a mulher voltava para dentro da casa no barco e o homem ia até perto das árvores para deixar a bolsa. Aproximou-se silenciosamente por trás do homem. Não sabia a melhor forma de fazer aquilo, então fez como a mãe o havia ensinado com os animais.

Com um braço, agarrou a cabeça do homem e tapou sua boca quando ele tentou gritar. Com a outra mão, passou a faca na garganta dele, sentindo o sangue escorrer da lâmina para o cabo e encharcar sua mão, ao mesmo tempo que a outra mão era manchada pelo sangue que saiu da boca do homem junto com seu último suspiro e última tentativa de gritar.

Arrastou o corpo do homem para trás de uma pedra e pegou a ferramenta que havia feito e foi para o barco. Escondeu-se na lateral do barco, bem próximo à água e ficou ouvindo. Mais sentiu, do que ouviu, pelo movimento do barco, quando a mulher se aproximou, chamando pelo homem cujo sangue sujava suas mãos.

Quando sentiu o barco inclinar-se mais para o lado em que estava escondido, levantou-se e girou a ferramenta de pedra sobre a cabeça, ouvindo o gritou da mulher e o som seco do osso sendo atingido pela pedra. Em seguida o baque do corpo no chão do barco.

Ele havia atingido o tornozelo dela, e jogada no chão, a mulher apertava o pé e tentava se arrastar para longe.

Mas ela não foi rápida o suficiente, a pedra atingiu outro osso, repetidas vezes, e a cabeça da mulher deformou-se, quebrando junto com a vida dela.

Geovani se aproximou do saco de ráfia e abriu dois cortes lado a lado no saco, cortando junto um saco de arroz que começou a escapar pelos cortes. Com as mãos ainda molhadas de sangue, passou-as no saco, sujando-o.

Para aqueles dois ele não havia dado uma escolha, pois ele precisava do barco e sua mãe e ele não haviam tido escolhas. Mas agora ele daria uma escolha, a escolha que nunca foi

oferecida a ele ou à mãe.

O sentimento ao matar o casal foi de euforia e de justiça, que o queimou por dentro. Ele faria todos pagar. Ou melhor, ele daria uma escolha e eles decidiriam quem pagaria. Quem pagaria por todo o tempo que a mãe passou sozinha na ilha, aprendendo a sobreviver, depois aprendendo a criá-lo sozinha e por fim, pela morte dela.

CAPÍTULO 19

Já faziam dois dias que ele não trazia água.

Suas bocas estavam secas e as gargantas arranhavam quando falavam. Mas eles quase não falavam mais. Era como se sentissem que sua hora estava chegando.

A hora de escolher.

O homem estava agindo de forma estranha também. No oitavo dia, depois de Antônio contar sobre seu pai e a ligação, o monstro entrou na sala, fechou a porta e ficou ali. Os quatro não podiam vê-lo, mas sentiam seus olhos analisando cada um deles, minuciosamente. Como se os desafiasse a tentar lutar, fugir, falar com ele.

Mas os amigos não fizeram nada disso, apenas ficaram imóveis e se aproximaram mais uns dos outros. Só respirando normalmente depois que o homem foi embora, batendo a porta.

No nono dia, ele trouxe algo que fazia um barulho estranho e apoiou na parede. Como uma pá ou algo assim. Uma ferramenta.

Novamente, no nono dia, ele ficou os olhando, analisando. Por mais tempo que no dia anterior.

No décimo dia, eles não tinham mais forças nem para se ajudar a ir até o "banheiro". Não que seus corpos tivessem alguma coisa para eliminar ainda, depois daquele tempo sem comer e beber. A pouca urina que ainda havia em seus corpos, foi feita nas roupas, dolorosamente. Todos estavam com infecções, devido às péssimas condições de higiene e alimentação.

Não achavam que aguentariam mais muito tempo naquelas condições. Logo morreriam de fome, sede ou pelas bactérias e doenças que estavam tomando conta de seus corpos.

E então a porta da cabana foi aberta com força, batendo na parede e balançando a sala inteira. E então Antônio soube, a hora havia chegado.

Sentiu o bafo quente em seu rosto e tremeu, temendo ser chamado para escolher. O monstro lambeu seu rosto, grunhiu com o que parecia satisfação e se afastou. O seu pai havia contado sobre isso. As meninas sobreviventes haviam falado em seu depoimento que ele havia feito o mesmo com elas.

Um psicopata nunca muda seus hábitos.

Então foi a vez de Júlia, que se debateu, tentando afastar-se. Um som seco de uma palma batendo no rosto dela e o grito que escapou de sua boca a fizeram parar. Seu rosto foi lambido também.

Stella não tentou se afastar, mas gemeu de asco quando a língua do monstro fez um

som gosmento contra sua bochecha cortada. Ela havia virado o rosto para ele lambe a bochecha que não estava machucada, mas mesmo assim ele lambeu o lado cortado. A dor da saliva nos machucados mal cicatrizados foi horrível.

E então Lucas passou pelo mesmo ritual. Teria reagido se o monstro não houvesse puxado seu corpo para frente, fazendo o arame farpado entrar novamente nos músculos machucados.

Antônio pensou que, como ele e as amigas não haviam sido escolhidos, Lucas seria escolhido. Mas então ele sentiu o monstro atrás dele. A faca passando entre seus braços para cortar a corda. A venda arrancada de seus olhos bruscamente.

Antônio foi arrastado até a frente dos amigos.

Todos estavam imundos, machucados, descabelados. Mesmo com a venda, era possível ver a expressão de desistência no rosto de Lucas, de ódio e dor no de Stella e a agonia profunda no rosto de Júlia. Os ossos estavam pronunciados nas bochechas e nos braços, visíveis.

Ainda segurando Antônio com uma mão e a faca de caça na outra, o homem arrancou as vendas dos outros três, com a faca passando perigosamente perto de seus pescoços.

Os amigos se olharam, tristes, mas conformados, a hora havia chegado.

Antônio teria que fazer a promessa valer a pena.

— Escolha. — Falou o monstro, aquele rosnado que sempre os arrepiou — um morre, outros vive. Escolha.

INTERLÚDIO I

"A vida humana é feita de escolhas. Sim ou não. Dentro ou fora. Em cima ou embaixo. E também há as escolhas que importam. Amar ou odiar. Ser um herói ou um covarde. Brigar ou se entregar. Viver. Ou morrer. Essa é a escolha importante. E nem sempre ela está nas suas mãos."

Grey's Anatomy.

Se não fosse pelo choro de Stella e Júlia e pelas tentativas de Lucas de soltar-se, o silêncio seria absoluto. Até a voz ser ouvida novamente, como a voz da morte, rouca e gutural.

— Um morre, outros vive. Escolha. Até o pôr do sol.

Antônio olhou para a porta que o monstro havia deixado aberta, a luz do sol começava a ficar alaranjada, logo o sol estaria se pondo no horizonte e seu tempo teria acabado.

Ele se perguntava se devia ser fiel à promessa feita aos amigos? Ou devia deixar todos morrerem? Havia outra escolha? Ele seria capaz de conviver com o peso dessa escolha depois? Ele não tinha resposta para nenhuma dessas perguntas.

— Eu. - Falou Antônio. - Eu me escolho no lugar deles. Me mate e deixe-os ir.

— Você não. Eles.

— Por favor! - Implorou Antônio. Ao mesmo tempo que os amigos imploravam para que ele não fizesse aquilo, que ele não se oferecesse para salvá-los.

— Pôr do Sol. - Respondeu o assassino, com a faca preparada na mão.

Antônio sabia que não tinha outra escolha, devia ser fiel à promessa feita. Olhando para a luz do dia, que ficava cada vez mais escura, sem conseguir olhar para os amigos, fechou os olhos e apontou a mão à esmo.

Soube que havia tido sucesso ao apontar para algum dos amigos quando as mãos do homem o soltaram e ele caiu no chão de madeira.

Abriu os olhos a tempo de ver na frente de quem o assassino estava parado, com a faca preparada.

Stella mal teve tempo de recuar, antes da faca acertar sua garganta e o sangue esguichar.

Antônio apagou as luzes, fechou a porta do escritório, passou a chave e já estava no final do corredor quando resolveu voltar.

Abriu a gaveta da escrivaninha e pegou aquela pasta preta que já estava gasta de tanto que ele mexia nela. Quando abriu a pasta, uma foto caiu de dentro, uma foto manchada de lágrimas e amassada. Lágrimas de culpa, de saudade, de dor. Amassada por tantas vezes que ele olhou aquela foto e chorou, e se culpou.

Dentro da pasta também estavam as notícias. A primeira delas tinha a manchete: "TRÊS AMIGOS QUE FORAM RAPTADOS PELO MANÍACO DA PRAIA FORAM ENCONTRADOS COM VIDA". A notícia contava como Antônio, Júlia e Lucas foram encontrados em uma praia, não a mesma de onde foram levados. Amarrados, machucados e

desnutridos.

A notícia logo abaixo da primeira trazia a manchete: "CORPO DE STELLA SANTOS ENCONTRADO EM PRAIA DESERTA." E a terceira, trazia uma reportagem de quatro páginas, com título: "MANÍACO DA PRAIA É MORTO POR POLICIAIS".

Sob essas três notícias haviam outras, todas relacionadas àquele monstro que ainda fazia Antônio acordar assustado, suando e gritando, no meio da noite. Mesmo dez anos depois de ter ficado preso naquela pequena casa em uma ilha desconhecida.

Dez anos sem Stella. Dez anos sofrendo a sua perda e se culpando por isso. Dez anos evitando Júlia e sendo evitado por Lucas. Dez anos em que não conseguia dormir direito sem a ajuda de remédios pesados.

Alguns podiam dizer que Antônio havia superado tudo. Havia se formado em direito, adquirido um escritório que crescia mais a cada ano, representando alguns dos casos mais importantes do estado. Ele havia se casado, com um homem lindo, que aguentava suas crises heroicamente. Havia até se reconciliado com a mãe que o havia abandonado.

Mas ele nunca seria capaz de superar o fato de ter sido responsável pela morte da amiga.

Antônio estava quase saindo do escritório novamente, quando o telefone em sua mesa tocou. Estranhando a hora, pois já passava das 20:00 horas, Antônio estendeu o braço e atendeu com cautela.

— Antônio? - Falou a voz do outro lado da linha. Uma voz do passado, a voz que ele tentou tanto ouvir nos últimos anos, para conversar, para pedir perdão. Uma voz que voltava agora, quando, em dois dias, faria exatos dez anos que ele havia tomado a decisão que mudou sua vida e arruinou sua mente.

— Lucas?

— Sou eu.

— Você... Você está bem?

— Estou. E você?

— Levando. Eu te procurei, por anos.

— Eu sei.

O silêncio pareceu uma terceira presença na linha telefônica. Antônio não conseguia entender porque Lucas havia resolvido voltar agora. E também não conseguia entender o que havia de tão diferente na voz dele.

— Eu só... Eu não estava pronto para falar. - Falou Lucas finalmente, depois do que pareceu uma hora inteira.

— E você acha que eu estava? Acha que agora eu estou? - Antônio percebeu que estava

gritando.

— Eu sei. Olha, eu não quero brigar. Eu falei com a Júlia.

— E?

— Ela está na cidade.

— Eu sei. Ela falou comigo.

— Ela concordou.

— Concordou com o quê, Lucas?

— Em voltar lá.

— Voltar lá onde? Você está louco?

— Não na ilha. Não lá. Apenas na praia.

— Por que você quer voltar lá?

— Para prestar as últimas homenagens.

— Lucas, já fazem dez anos.

— Por isso mesmo, vai fazer uma década. Pensei em fazer algo especial.

— Júlia concordou com isso?

— Sim, ela ficou até empolgada. Você sabe, ela está voltando a pintar agora, vai fazer algo para lembrar ela.

— Eu não sabia que ela havia parado de pintar. - Antônio sentiu-se novamente culpado, por Júlia ter parado de pintar e principalmente, por ele tê-la afastado ao ponto de não saber disso.

— Sim, ela parou. Ela sofreu muito.

— Eu sinto muito.

— Não foi sua culpa.

Apesar das palavras de Lucas, Antônio notou uma mudança em seu tom de voz. Raiva. Mas quando ele continuou, a voz havia voltado para o tom neutro.

— Então, passo te pegar depois de amanhã as 9:00 horas, pode ser?

— Pode. - Respondeu Antônio, desligando o telefone.

A manhã em que eles iam até a praia amanheceu ensolarada, exatamente da forma como Stella gostava. Era quase como se o tempo estivesse prestando sua própria homenagem à amiga morta.

Matheus acordou cedo e levou café na cama para Antônio, acordando-o com beijos. Ele sabia como o dia seria difícil para o marido.

Antônio agradeceu, mas não conseguiu comer muita mais do que um pedaço pequeno de maçã. Estava pronto para a viagem muito antes da hora combinada. O casal sentou-se na varanda da casa que dividiam com seus três gatos e um cachorro, os quais estavam deitados em seus pés ou colos e esperaram.

Quando a hora combinada se aproximava, Matheus abraçou Antônio com força e perguntou:

— Tem certeza que você não quer que eu vá também?

Antônio sorriu, um sorriso triste, e beijou a testa do marido antes de responder.

— Tenho. Nós precisamos fazer isso sozinhos. Só nós e ela.

— O que você vai levar para a homenagem?

— Isso.

Antônio pegou o livro "Destrua esse diário" que ele e Stella haviam lido/destruído juntos nos primeiros meses de sua amizade. Era uma das melhores memórias que tinha deles dois juntos. Senão a melhor, a mais divertida. Sorriu novamente ao lembrar de Stella passeando pela rua com o diário em uma coleira como um cachorrinho. Os dois riscando e recortando as páginas. Colando coisas.

Matheus o abraçou de novo quando um carro azul estacionou na entrada da casa, buzinando.

Despedindo-se, Antônio entrou no carro.

Lucas estava muito estranho, distraído, perdia-se nas conversas e não entendia o que eles falavam. Júlia estava linda como Antônio lembrava, e um pouco da antiga afeição renasceu no seu peito. Se ele não estivesse feliz com Matheus, sentia que algo entre eles ainda poderia acontecer.

— Você tomou um caminho diferente, Lucas. - Falou Júlia de repente.

— Não tomei não. - Respondeu o irmão, em um tom agressivo.

— Tomou sim. - Confirmou Antônio. Pois Lucas havia sim, dobrado para outra direção. Uma que certamente não levava para a praia.

— Para onde estamos indo, Lucas? - Perguntou Júlia.

Lucas não respondeu por um tempo, apenas dirigindo, em uma velocidade muito acima do permitido.

— Nós não devíamos estar aqui. - Falou ele, quase sussurrando.

— Do que você está falando? Foi você que nos chamou. - Falou Antônio.

— Não estou falando daqui, do carro. Estou falando da vida.

— Lucas, você está bem? - Perguntou Júlia, colocando a mão no braço do irmão.

— Eu estou muito bem! - Gritou Lucas, agitando o braço para retirar a mão de Júlia. - Mas essa é a questão! Eu não deveria estar bem! Você não deveria estar bem! E principalmente ele não deveria estar bem! Deveríamos estar mortos, como ela!

— Lucas, diminua a velocidade. Me escute, por favor! - Falou Júlia, desesperada.

— Você sabe o que uma escolha pode fazer, Antônio? Sabe!?

— Lucas, ouça sua irmã. - Falou Antônio, sentindo novamente que havia algo muito diferente no amigo. Mas ao mesmo tempo, algo conhecido.

— Uma escolha pode acabar com a vida de uma pessoa! E pode mudar outras, pode mudar as pessoas de uma forma que você nem imagina, Antônio. Pode levar as pessoas a tomarem escolhas que elas nunca fariam antes.

— Do que você está falando, Lucas? É sobre Stella? Você sabe que fizemos uma promessa, todos nós. Você também a fez.

— Promessas nem sempre precisam ser cumpridas. - Lucas não gritou dessa vez, ele praticamente sussurrou. Foi o sussurro que fez Antônio finalmente entender o que havia de diferente na voz de Lucas. Loucura. A mesma loucura que ele havia ouvido antes, na voz do assassino. A loucura de um psicopata.

Antônio imediatamente tentou abrir a porta do carro, que estava travada, não que ele fosse sobreviver se pulasse do carro naquela velocidade. Procurou freneticamente o celular nos bolsos, quando encontrou, ouviu o grito de Júlia e soube que era tarde demais.

Teve tempo apenas de segurar a mão da garota antes de sentir o carro voando pela borda da estrada, até sentir a gravidade agindo e o carro sendo puxado em direção ao fundo de um penhasco, tão alto que a chance de sobrevivência era nula.

INTERLÚDIO II

"Escolher é algo perigoso: quando escolhemos, temos que abrir mão de todas as outras possibilidades."

J. K. Rowling – Morte Súbita.

Se não fosse pelo choro de Stella e Júlia e pelas tentativas de Lucas de soltar-se, o silêncio seria absoluto. Até a voz ser ouvida novamente, como a voz da morte, rouca e gutural.

— Um morre, outros vive. Escolha. Até o pôr do sol.

Antônio olhou para a porta que o monstro havia deixado aberta, a luz do sol começava a ficar alaranjada, logo o sol estaria se pondo no horizonte e seu tempo teria acabado.

Ele se perguntava se devia ser fiel à promessa feita aos amigos? Ou devia deixar todos morrerem? Havia outra escolha? Ele seria capaz de conviver com o peso dessa escolha depois? Ele não tinha resposta para nenhuma dessas perguntas.

— Eu. - Falou Antônio. - Eu me escolho no lugar deles. Me mate e deixe-os ir.

— Você não. Eles.

— Por favor! - Implorou Antônio. Ao mesmo tempo que os amigos imploravam para que ele não fizesse aquilo, que ele não se oferecesse para salvá-los.

— Pôr do Sol. - Respondeu o assassino, com a faca preparada na mão.

Antônio sabia que não tinha outra escolha, devia ser fiel à promessa feita. Olhando para a luz do dia, que ficava cada vez mais escura, sem conseguir olhar para os amigos, fechou os olhos e apontou a mão à esmo.

Soube que havia tido sucesso ao apontar para algum dos amigos quando as mãos do homem o soltaram e ele caiu no chão de madeira.

Abriu os olhos a tempo de ver na frente de quem o assassino estava parado, com a faca preparada.

Viu primeiro o sangue escorrendo do braço de Lucas, enquanto ele tentava recuar e o arame farpado perfurava seu braço, Em seguida a faca perfurou seu pescoço e seu sangue manchou o chão e as roupas do monstro.

Stella não havia ido na aula novamente.

Antônio sabia que estava sendo difícil para todos. Estava sendo difícil para ele, além de ter perdido o melhor amigo há alguns meses, ele havia sido o responsável pela morte dele. Mesmo as amigas falando que a culpa não era dele, que eles haviam feito uma promessa, ele não conseguia parar de sentir aquele peso, aquela dor, aquela responsabilidade por toda a tristeza que todos estavam sentindo.

Júlia estava sofrendo muito, já havia perdido os pais e agora o irmão. Mas apesar de soar um pouco cruel, Antônio sabia que ela já estava um pouco endurecida em relação a esse tipo de dor.

Muito mais endurecida que Stella, que estava sofrendo mais que todos eles. Ela estava tomando remédios e consultando especialistas para tentar superar o trauma e a perda. Não estava sendo nenhum pouco fácil.

A depressão é uma doença silenciosa e cruel, pois tira a vontade da pessoa de viver e não só a sua capacidade. Havia dias em que Stella não tinha vontade de comer nada, outros em que nem saia da cama. Estava perdendo todas as aulas na faculdade e provavelmente reprovaria.

Júlia ainda morava com ela e cuidava dela na maior parte do tempo. Antônio passava lá depois das aulas para ajudar e fazer companhia. Como ele faria hoje, depois que passasse por mais dois períodos torturantes de álgebra linear.

Quando o professor liberou a turma, Antônio correu para a pizzaria perto do colégio para pegar a pizza que já estava pronta, ele havia encomendado pelo celular, antes que esfriasse. Sabendo que hoje seria um dia difícil para os três, mais difícil que o normal, resolveu que uma pizza seria muito bem-vinda.

Hoje fazia um ano que ele havia sido preso e ao menos três canais diferentes anunciaram uma retrospectiva sobre o Assassino da Praia. O que Antônio achava uma coisa muito insensível da parte das emissoras, mostrar novamente as vítimas, narrar os acontecimentos. E pior, iriam voltar na ilha e mostrar como estava o local, "Um ano sem os cuidados de um monstro".

Hoje, mais que todos os outros dias, Stella precisaria deles, pois a foto de Lucas seria uma das que seria exposta para todos verem.

Chegou ao prédio das amigas e subiu direto, acenando para o porteiro. De tanto que ele vinha ali e tantas vezes que passava a noite, já eram conhecidos. Pegou o elevador para o quarto andar e avisou Júlia que estava chegando.

Quando a porta do elevador abriu, Júlia pulou sobre ele, quase derrubando a pizza. Se abraçaram e em seguida, Antônio a afastou e a beijou na boca.

— Você é completamente louca, sabia? Podia ser qualquer um saindo do elevador.

— Você esqueceu que eu tenho acesso à câmera? - Respondeu Júlia, erguendo o celular na mão direita.

Antônio sorriu e a beijou de novo. Os dois sentiam-se culpados, por estarem juntos e relativamente felizes, enquanto Stella estava definhando e Lucas apodrecendo em um caixão. Mas o que aconteceu com eles apenas provava que a vida era curta demais para não aproveitar o que o destino colocava na nossa frente.

— Como ela está? - Perguntou Antônio.

— Pior, melhor, nunca sei. Ela não fala direito.

— Vamos entrar, talvez pizza quente a anime.

Encontraram Stella no quarto, assistindo à televisão, as lágrimas descendo lentamente pelos seus olhos.

— Ei, baby. Como você está? - Perguntou Antônio, entrando no quarto e sentando na cama, na frente da televisão, para bloquear a visão da amiga.

— Não sei.

— Você não precisa ver isso, Sté. - Falou Júlia, desligando a televisão.

Passaram o resto da noite na cama de Stella, conseguiram convencê-la a comer duas fatias de pizza e tomar um pouco de coca, muito mais do que ela comia nos últimos dias. Depois que a amiga dormiu, Júlia levou Antônio até a porta.

— Você tem mesmo que ir? - Perguntou Júlia, fazendo cara de cachorro pidão.

— Tenho, sinto muito. Meu pai quer o carro. Ele vai levar Marta para jantar e obviamente, não pode ir de viatura.

— Eu sei. Péssima noite para eles fazerem isso.

— Eles querem comemorar. Eu sei, é estranho. Mas foi meu pai que matou aquele monstro, isso é motivo suficiente para comemorar.

— É, eu acho. Vai logo, ou vai ficar muito tarde para eles pegarem a reserva. Tchau.

Antônio beijou Júlia e despediu-se. Voltou pra casa e entregou o carro para o pai, que saiu com Marta, os dois felizes. Estava sentado na sala, olhando um troféu que ele e Lucas haviam ganhado em um torneio de tênis em duplas, na oitava série, lembrando de todos os momentos que passaram juntos e da paixão que nutriu pelo amigo por um tempo, quando tinha quinze anos, quando seu celular tocou. O toque era diferente dos outros, era o toque que ele havia escolhido para as mensagens de Júlia.

Preciso de ajuda. Ela está tentando se matar. Venha rápido.

Ele não foi rápido o suficiente aquele dia e aquela era mais uma culpa que pesava em sua mente. Stella não conseguiu suportar a dor da perda de Lucas e cortou os pulsos no banheiro.

Júlia socou a porta e gritou até ficar sem voz e seus punhos arrebentarem. Ligou para a polícia, pronto-socorro e até para os bombeiros enquanto a amiga esvaia-se em sangue do outro lado da porta e Antônio estava preso em um táxi que não ia rápido o suficiente.

Quando Antônio chegou no prédio, haviam duas viaturas com as sirenes ligadas e uma ambulância. Júlia estava sendo atendida por um paramédico que enfaixava suas mãos.

Aquilo quase os destruiu também. A morte de Lucas abriu uma rachadura neles, a de

Stella terminou de despedaçá-los. O que os manteve vivos, foi apenas a presença um do outro. Um forçando o outro a levantar, a comer, a encarar o mundo. Se algo acontecesse a um, o outro certamente teria perecido.

Agora, quase três anos após a morte de Stella e quase cinco anos da morte de Lucas, Júlia sentiu seu dedo entrando suavemente na aliança que Antônio segurava, ouviu os aplausos da igreja, na maioria da família dele e sentiu a boca dele se aproximando da dela, a beijando.

Naquele momento, ela sentiu, que por mais que ela tivesse perdido tudo, ela havia ganhado muito e que, apesar de algumas escolhas trazerem consequências muito negativas, as vezes elas levam ao caminho certo.

INTERLÚDIO III

"O diabo desta vida é que entre cem caminhos temos que escolher apenas um, e viver com a nostalgia dos outros noventa e nove."

Fernando Sabino.

Se não fosse pelo choro de Stella e Júlia e pelas tentativas de Lucas de soltar-se, o silêncio seria absoluto. Até a voz ser ouvida novamente, como a voz da morte, rouca e gutural.

— Um morre, outros vive. Escolha. Até o pôr do sol.

Antônio olhou para a porta que o monstro havia deixado aberta, a luz do sol começava a ficar alaranjada, logo o sol estaria se pondo no horizonte e seu tempo teria acabado.

Ele se perguntava se devia ser fiel à promessa feita aos amigos? Ou devia deixar todos morrerem? Havia outra escolha? Ele seria capaz de conviver com o peso dessa escolha depois? Ele não tinha resposta para nenhuma dessas perguntas.

— Eu. - Falou Antônio. - Eu me escolho no lugar deles. Me mate e deixe-os ir.

— Você não. Eles.

— Por favor! - Implorou Antônio. Ao mesmo tempo que os amigos imploravam para que ele não fizesse aquilo, que ele não se oferecesse para salvá-los.

— Pôr do Sol. - Respondeu o assassino, com a faca preparada na mão.

Antônio sabia que não tinha outra escolha, devia ser fiel à promessa feita. Olhando para a luz do dia, que ficava cada vez mais escura, sem conseguir olhar para os amigos, fechou os olhos e apontou a mão à esmo.

Soube que havia tido sucesso ao apontar para algum dos amigos quando as mãos do homem o soltaram e ele caiu no chão de madeira.

Abriu os olhos a tempo de ver na frente de quem o assassino estava parado, com a faca preparada.

Os olhos de Júlia encontraram os de Antônio, antes que seu sangue esguichasse em um arco no chão à sua frente.

As visitas à Stella sempre eram exaustivas.

Ela estava bem, melhor que nas outras vezes, mas suas teorias conspiratórias nunca paravam. O médico queria matá-la, o enfermeiro queria sequestrá-la, as vezes ela estava de volta à ilha e seus lençóis eram cordas que a amarravam.

Antônio odiava ver a amiga se perdendo daquele jeito.

Fora decisão dela internar-se naquela clínica, nos primeiros meses após serem encontrados na praia e após todos os interrogatórios e depoimentos, após o enterro de Júlia e depois, após o enterro do monstro, que ela insistiu para que fossemos.

Ela insistia que não sabia mais o que era real, o que era sonho, o que era pesadelo, o

que era ilusão. Na maior parte do tempo, ela não sabia se estava acordada, ou dormindo. Começou a ter crises de pânico e sonambulismo. De todos, ela foi a mais afetada. Ela nunca havia perdido ninguém na vida, talvez por isso ela sofresse tanto, era sua primeira perda.

Já fazia cinco anos que ela havia se internado e os médicos não viam possibilidade de melhora. Antônio a visitava todo mês, quando tinha folga na delegacia, ou quando não estava trabalhando em algum caso muito difícil.

Em todas essas visitas, ele nunca havia encontrado Lucas. Há algum tempo não sabia o que ele estava fazendo. Sabia que tinha vendido as empresas, vendido o apartamento de Júlia e havia aberto uma exposição das obras da irmã.

Antônio foi diversas vezes à exposição, principalmente quando a culpa se tornava grande demais para suportar. Ele ia até lá e admirava o talento da menina que havia escolhido para morrer, admirava sua capacidade de transformar músicas em lindas explosões de cores e captar os mínimos detalhes de uma paisagem. Havia uma área da exposição com obras inacabadas, uma delas parecia a explosão de um arco-íris e outra lembrava vagamente o contorno sem forma do rosto de Antônio.

Ele demorou para conseguir se acostumar com a dor e a culpa. Entrar para a polícia ajudou muito na superação.

A cada vida que ele salvava, fazendo o seu trabalho, era como se a balança da culpa ganhasse um contrapeso, ficando mais equilibrada e menos dolorosa. Ele trabalhava ao lado do pai e os dois eram investigadores exímios, resolvendo vários casos e salvando várias pessoas.

Antônio saía da clínica psiquiátrica distraído quando ouviu uma voz desconhecida, perto do seu carro. Pode ouvir a embriaguez na voz e imediatamente colocou a mão na arma em sua cintura. Mas então reconheceu quem falava.

— Como ela está? - Lucas repetiu, ao ver que Antônio não havia entendido. Sua voz estava fanha, sua cabeça abaixada, os cabelos compridos e loiros caindo no rosto. Ele estava encostado no carro de Antônio, as roupas sujas e rasgadas em alguns lugares e uma garrafa de vodka pela metade em uma mão.

— Ela está bem fisicamente.

— Que bom. Eles não me deixam entrar para vê-la.

— Ainda bem que não deixam. O que você acha que ela ia pensar vendo você desse jeito?

— De que jeito?

— Acabado. Bebêdo. Imundo. O que você fez com a sua vida, Lucas?

— Eu não estou acabado. Minha vida vai muito bem, obrigado.

— Isso é ir bem para você?

Antônio se aproximou e amparou o amigo que não via a tanto tempo, ergueu seu rosto

e afastou o cabelo, duro e sujo. Sua pele estava ressecada, os olhos vermelhos e com olheiras gigantes, um dos olhos coloridos por uma mancha roxa.

— Venha, entre no carro.

— Eu não quero entrar no carro! Eu quero vê-la.

— Você não vai vê-la desse jeito. Se eles te deixarem entrar, eu não deixo. Entre no carro.

Antônio abriu a porta e ajudou Lucas a entrar. Fechou a porta e deu a volta para o lado do motorista.

— Eu vou cuidar de você. Você vai tomar um banho, vestir roupas limpas e parar de beber. Depois, você pode vir vê-la.

Antônio levou Lucas para sua casa, o despiu e deu banho nele. O amigo tentou beijá-lo, certamente sob efeito da bebida ou da gratidão inconsciente, mas Antônio o afastou. Depois do banho, Antônio preparou algo para comerem e um café forte para Lucas.

Eles passaram a morar juntos. Lucas teve mais duas recaídas, em uma delas, Antônio o encontrou novamente na clínica. Na outra, ele estava dormindo na frente do portão da sua casa.

Antônio prometeu a Lucas, depois da segunda recaída, que se ele ficasse um mês sem beber, ele o levaria para ver Stella. Lucas cumpriu os termos, não bebeu nada por um mês inteiro, e Antônio cumpriu sua promessa. Agora os dois visitavam Stella juntos.

Após ver Lucas, Stella melhorou significativamente, mas não o suficiente para poder sair da clínica. Mesmo dois meses após a visita, ela continuava lá, seus pânicos, embora mais leves, também continuavam.

Antônio e Lucas também continuavam morando juntos. Eles não eram um casal, mas também não estavam tão longe disso. Talvez um dia pudessem vir a se tornar. Eles eram companheiros, passavam as noites juntos, faziam tudo juntos. Eram felizes.

E era isso que importava para eles. Lucas não tinha mais ninguém na vida, além de Stella na clínica e Antônio, que cuidava dele. Lucas nunca havia contado para ninguém, mas ele sentia-se atraído por homens também e sentia que algo maior que atração estava crescendo por Antônio.

Já Antônio, estava lembrando da paixonite que teve aos quinze anos e depois de tantas vezes que deu banho, vestiu e cozinhou para Lucas no começo dessa relação diferente, essa paixonite se reascendeu, com uma chama cada vez mais forte.

Eles estavam visitando Stella novamente, quando, em um dos seus momentos relativamente sãos, ela olhou para os dois e falou:

— Sabe, vocês deviam se beijar logo.

Depois de um momento aturdidos, eles fizeram o que ela falou. Surpresos pela aprovação e percepção da amiga, mesmo no estado em que estava, de algo que os dois não

queriam admitir.

Eles passaram a amar um ao outro e o beijo apenas abriu as portas para esses sentimentos. E então Lucas também passou a cuidar de Antônio.

INTERLÚDIO IV

"O problema é que os seres humanos têm o dom de escolher exatamente aquilo que é pior para eles."

J. K. Rowling – Harry Potter.

Se não fosse pelo choro de Stella e Júlia e pelas tentativas de Lucas de soltar-se, o silêncio seria absoluto. Até a voz ser ouvida novamente, como a voz da morte, rouca e gutural.

— Um morre, outros vive. Escolha. Até o pôr do sol.

Antônio olhou para a porta que o monstro havia deixado aberta, a luz do sol começava a ficar alaranjada, logo o sol estaria se pondo no horizonte e seu tempo teria acabado.

Ele se perguntava se devia ser fiel à promessa feita aos amigos? Ou devia deixar todos morrerem? Havia outra escolha? Ele seria capaz de conviver com o peso dessa escolha depois? Ele não tinha resposta para nenhuma dessas perguntas.

— Eu. - Falou Antônio. - Eu me escolho no lugar deles. Me mate e deixe-os ir.

— Você não. Eles.

— Por favor! - Implorou Antônio. Ao mesmo tempo que os amigos imploravam para que ele não fizesse aquilo, que ele não se oferecesse para salvá-los.

— Pôr do Sol. - Respondeu o assassino, com a faca preparada na mão.

Antônio sabia que tinha outra escolha, não precisava ser fiel à promessa feita. Olhando para a luz do dia, que ficava cada vez mais escura, sem conseguir olhar para os amigos, fechou os dedos da mão.

Seu pai havia lhe ensinado técnicas de defesa e ele as usaria para tirar os amigos dali, nem que tivesse que morrer para que eles se salvassem. Erguendo uma das pernas, ficou com um joelho dobrado no ar e outro encostado no chão.

Com a perna que ele havia dobrado, em uma pose de cavaleiro esperando a benção do rei, Antônio chutou para o lado e ouviu um impacto e um urro satisfatório quando seu pé atingiu o lado do joelho do monstro. Em seguida o baque do corpo pesado no chão de madeira.

Antônio imediatamente ficou de pé e agarrou a mão que segurava a faca com as duas mãos. O monstro tentou levantar-se, mas Antônio colocou um pé no pescoço dele e forçou. Com os braços, torceu a mão do homem, obrigando-o a soltar a faca, como seu pai o havia ensinado.

Quando sentiu a mão que segurava amolecer, chutou o corpo do homem caído e constatou que ele não se mexia, correu até os amigos e começou a cortar as cordas com a faca que havia pegado no chão, soltou Júlia e deu a faca para ela soltar Stella enquanto tirava os arames farpados do braço de Lucas.

Depois de cortar as cordas de Lucas também, Antônio o ajudou a levantar-se, ele estava mais fraco que os outros, devido à perda de sangue. Stella também havia perdido sangue, então foi amparada por Stella. Juntos, cambalearam para fora da cabana.

— Para onde vamos? - Sussurrou Júlia, assustada.

— Temos que achar a praia, se seguirmos em linha reta vamos achá-la. - Respondeu Lucas, soltando-se de Antônio e caminhando à frente, floresta a dentro.

— Vamos rápido. Ele não está morto. - Falou Antônio, empurrando as amigas e ficando na retaguarda, com a faca na mão.

Antônio correu por alguns metros, antes de ouvir um grito de Lucas e um barulho molhado. Stella parou de soco e Júlia trombou nelas. Antônio parou a tempo de não furar a amiga com a faca afiada.

Quando viu que Stella e Júlia estavam prestes a cair em um buraco enorme, no qual certamente Lucas havia caído, Antônio agarrou as duas e as puxou para trás.

Com os últimos raios de sol, Antônio olhou para dentro do buraco, para ajudar Lucas a sair. Mas o amigo não poderia ser ajudado. Seu corpo havia sido todo perfurado por estacas pontiagudas, seu olhar vidrado e sua boca escancarada fitavam o céu que escurecia rapidamente.

Antônio começou a arrepender-se de sua decisão, mas agora era tarde demais.

Pegou as amigas pela mão e correu para longe do buraco, as amigas tentaram protestar e puxá-lo de volta. Antônio apenas repetia:

— Ele está morto. Ele está morto. Ele morreu. Nós vamos morrer também. A culpa é minha, toda minha.

Sua voz inundava a mente de Júlia de tons vermelhos, pretos e verdes escuros.

Os três correram, como nunca antes, pois suas vidas dependiam disso. Mas eles estavam perdidos. Por mais que corressem, nunca encontravam a praia.

Júlia não conseguia mais correr, quando ouviu um barulho na floresta, atrás deles. Ela gritou um aviso, mas foi tarde demais.

A ferramenta do monstro, aquela mistura de machado e martelo de pedra, acertou Stella na cabeça, a amiga caiu. Júlia teria vergonha de admitir, mas naquela hora ela nem pensou na amiga. Ela pensou apenas em si mesma, ela correu. Antônio agarrou sua mão e os dois correram por suas vidas, as lágrimas escapando com o vento e um grito contínuo escapando de sua garganta.

Ela não conseguia pensar, apenas correr, sentindo a adrenalina em suas veias. O cansaço que havia sentido antes, foi embora, permitindo-a correr mais que Antônio.

Mas ela não foi muito longe com esse impulso. Subitamente, a mão de Antônio foi arrancada da sua, seu corpo levantou no ar com o impacto e ela caiu de costas no chão, sentindo dor por todo o corpo devido ao impacto.

Virou-se a tempo de ver o monstro sobre o corpo de Antônio a faca manchada de sangue fresco e soube que o amigo também estava morto. Ele havia tentado salvá-los e por um momento, todos pensaram que iriam conseguir. Agora ela via que isso era só uma ilusão. Eles haviam morrido e ela não iria demorar muito para acompanhá-los.

Mas ela não iria desistir, levantou-se e correu. Logo ela encontrou a praia, mas não viu o barco em lugar nenhum. Correu ao longo da pequena da praia da ilha, até que o avistou, escondido em uma pequena enseada.

Ela achou que estava salva.

Mas então ela estava no chão novamente, sua cabeça doendo horrivelmente e sua visão turva, tentou levantar-se, mas a vertigem a jogou novamente ao chão. Distinguiu uma pedra ao lado, manchada de vermelho. Seu sangue.

Ao longe, distinguiu uma pessoa se aproximando e soube.

Soube que sua hora havia chegado.

CAPÍTULO 20

Se não fosse pelo choro de Stella e Júlia e pelas tentativas de Lucas de soltar-se, o silêncio seria absoluto. Até a voz ser ouvida novamente, como a voz da morte, rouca e gutural.

— Um morre, outros vive. Escolha. Até o pôr do sol.

Antônio olhou para a porta que o monstro havia deixado aberta, a luz do sol começava a ficar alaranjada, logo o sol estaria se pondo no horizonte e seu tempo teria acabado.

Ele se perguntava se devia ser fiel à promessa feita aos amigos? Ou devia deixar todos morrerem? Havia outra escolha? Ele seria capaz de conviver com o peso dessa escolha depois? Ele não tinha resposta para nenhuma dessas perguntas.

— Eu. - Falou Antônio. - Eu me escolho no lugar deles. Me mate e deixe-os ir.

— Você não. Eles.

— Por favor! - Implorou Antônio. Ao mesmo tempo que os amigos imploravam para que ele não fizesse aquilo, que ele não se oferecesse para salvá-los.

— Pôr do Sol. - Respondeu o assassino, com a faca preparada na mão.

Antônio sabia que não tinha outra escolha, devia ser fiel à promessa feita. Olhando para a luz do dia, que ficava cada vez mais escura, sem conseguir olhar para os amigos.

Nesse momento, ele viu.

Viu o que cada escolha que ele poderia fazer se tornaria, as escolhas que fazemos estão diretamente ligadas ao nosso destino, e Antônio viu isso claramente.

Ele não sabia explicar, se isso era coisa da sua mente ou uma premonição enviada por anjos ou por sabe se lá quem ou o quê. Mas agora ele sabia o que cada uma de suas escolhas traria, sabia qual era a menos terrível e quais eram as piores. Olhou para os amigos e pensou em tudo o que aconteceria com eles, Lucas virando um psicopata ou um alcoólatra, Stella virando uma suicida ou internando-se em uma clínica, Júlia morrendo pelas mãos do irmão ou casando com ele.

Em todos os cenários, ao menos um ou mais deles morria, em outros, todos morriam.

Mas Antônio não precisaria escolher, olhando para fora, além da luz cada vez mais escura, ele viu algo que deu esperança. Luzes vermelhas e azuis ao longe.

Agradecendo que os amigos estavam vendados e controlando o sorriso, virou-se para o monstro.

— Por que você está fazendo isso conosco? - Antônio perguntou, tentando ganhar tempo.

— Escolha. - Respondeu simplesmente o monstro.

— É porquê você mora nessa ilha? Sozinho? O que aconteceu para você vir parar aqui?

Antônio percebeu que havia atingido um ponto fraco, pois a mão que segurava a faca apertou-a mais e tremeu levemente.

— Onde está sua família? Foram eles que te deixaram aqui?

Antônio estava com medo, sabia que não era uma boa ideia provocar um psicopata com uma faca, mas ele apenas precisava distraí-lo, falando mais alto, para que o monstro não ouvisse o barulho que Antônio ouvia fora da cabana.

Passos se aproximando.

Era incrível como alguns dias no escuro, sem a visão, podiam nos fazer usar mais os outros sentidos e treiná-los. Os ouvidos de Antônio foram treinados por todo o tempo que ele ficou esperando a aproximação do monstro, querendo saber antes que ele chegasse à casa, para ter tempo de preparar-se para qualquer coisa.

Não que alguém pudesse se preparar para o que estava acontecendo.

— Onde está sua mãe? - Continuou Antônio. - Ela morreu?

Antônio soube que havia ido longe demais, quando o monstro agarrou seu pescoço com mais força.

— Escolha. Agora.

— Mas e o pôr do sol? - Perguntou Antônio, e agora quem estava nervoso era ele. Ele só precisava de um pouco mais de tempo. E um pouco mais de volume na voz, pois ouviu a porta da casa começar a abrir. - O sol ainda está no céu! Você disse que eu tinha até o pôr do sol!

— Agora. Escolha ou morre. Sem pôr do sol.

Antônio sabia que ninguém havia entrado na cabana, mas a porta de fora estava aberta e a do quarto também. Quem quer que estivesse lá fora, devia ser um policial, até mesmo seu pai. E agora eles tinham uma linha livre de tiro.

— Eu não vou escolher! Seu desgraçado, morra.

Antônio achou que quem morreria seria ele, pois o monstro aproximou a faca enorme do seu pescoço, mas então o estrondo de uma arma de fogo foi ouvido e milésimos de segundos depois, o corpo tombou ao seu lado.

Seu pai entrou correndo na casa e se jogou no chão à sua frente, abraçando-o.

Outros policiais entraram correndo, alguns soltando Júlia e os outros e dois virando o corpo do monstro, com armas apontadas e preparadas. Mas ele estava morto.

O monstro estava morto e Antônio e seus amigos estavam salvos.

EPÍLOGO

O dia havia chegado.

Antônio pegou a mochila dele e a de Júlia, que estava na cozinha preparando uma cesta cheia de comidas. Ainda era madrugada, mas eles estavam bem animados apesar da hora.

Todos os anos, desde que os quatro haviam sido salvos, eles voltavam para a praia. Não ficavam exatamente no mesmo local do qual haviam sido levados, mas um pouco mais para a frente. Passavam um dia, as vezes dois.

Era uma espécie de ritual para eles.

Os quatro entravam no carro de Lucas, sempre o de Lucas, e seguiam viagem até a praia. Stella e Lucas haviam terminado, mas ainda eram amigos. Stella havia casado com outro e Lucas não havia namorado mais ninguém, mas ele também nunca estava sozinho.

Apesar de tudo, as viagens nunca eram estranhas.

Júlia e Antônio haviam se casado em uma cerimônia privada, só para amigos e parentes mais próximos. E sim, eles haviam se casado na praia, na mesma praia para a qual eles estavam indo agora. Eles eram muito felizes.

Nas primeiras vezes que eles foram, foi difícil e um pouco amedrontador ficar naquela mesma praia.

Mas eles se sentiram muito melhores depois de passar por aquilo.

Nenhum deles sabia explicar o motivo daquele sentimento. Mas todos eles haviam ganhado uma nova chance, para viver, para serem felizes. E tudo havia começado na praia.

Era como se eles precisassem voltar até a praia para renovar a nova vida que haviam ganhado.

E para renovar os laços entre eles. Passar pelo que passaram, juntos, forjava uma conexão que poucas pessoas poderiam entender. Por mais que outras pessoas entrassem em suas vidas, que eles se separassem, que se envolvessem com outros.

E mesmo que um deles morresse, se eles voltassem àquela praia, poderiam sentir-se unidos novamente.

Eles sempre estariam juntos. Os quatro sobreviveram juntos e agora os quatro viveriam juntos, aproveitando essa nova vida ao máximo, um protegendo e cuidando do outro.